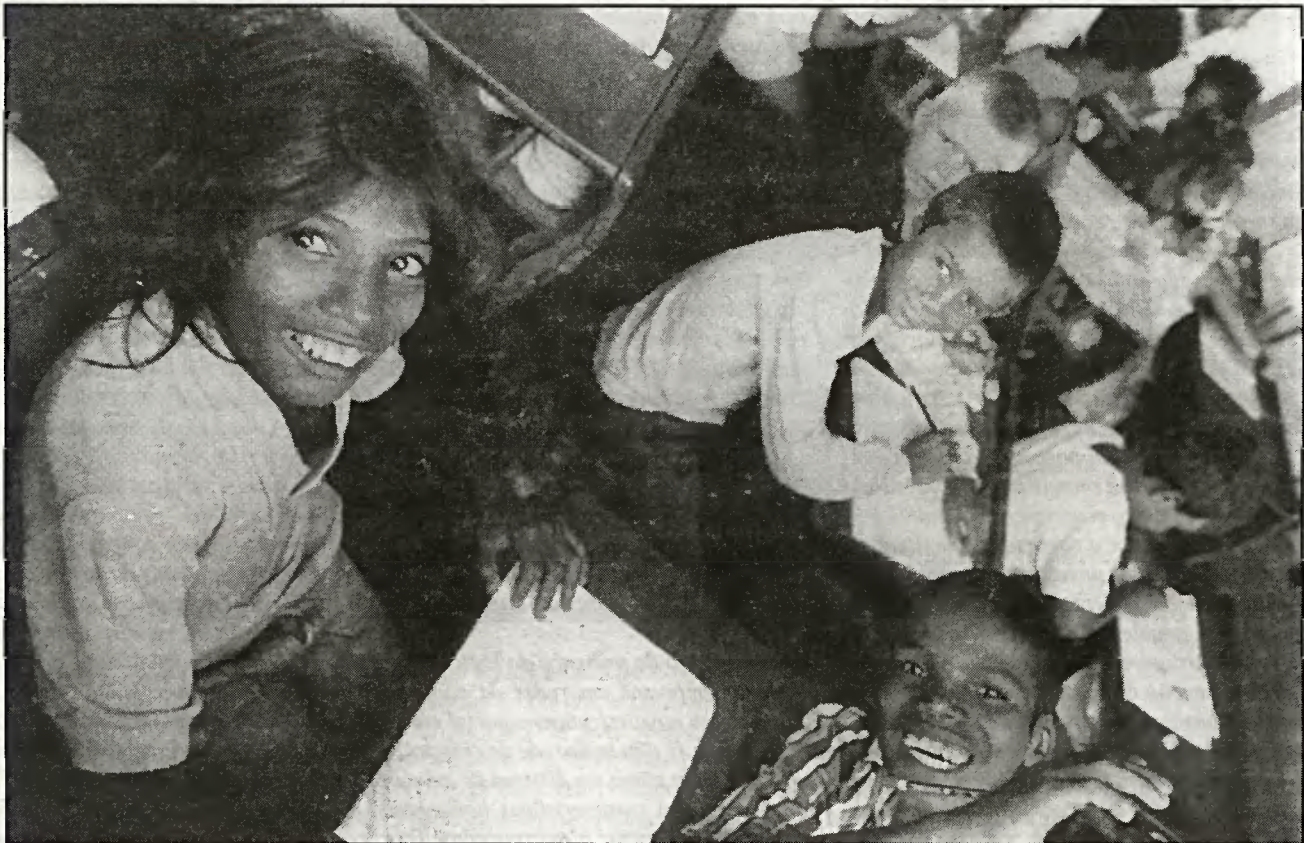


SEM-TERRA

UNESP se destaca na questão fundiária, com atuação em áreas como a agronomia, veterinária, geografia e, principalmente, educação. Pág. 10



Helcio Taha



Thereshold's experiência com filme de 16mm, de Camilla Mesquita

ARTE DE VANGUARDA MARCA ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO

Com o tema Escola — O Ritual da Luz, o 4º Studio UNESP de Tecnologias de Imagens reúne obras de 130 artistas de 14 países nos três mil metros quadrados do Sesc Pompéia. Pág. 8

A GUERRA SANTA DO PENTECOSTALISMO

Estudo investiga o crescimento vertiginoso da religião. Pág. 16



Monica Richier

Entrevista com Néelson de Jesus Parada, da Fapesp. Pág. 4

Novas formas de atuação

MARIA ENCARNÇÃO B. SPOSITO



As transformações recentes pelas quais a sociedade contemporânea vem passando, tanto aquelas referentes à intensificação do processo de mundialização da economia, como aquelas que dizem respeito às mudanças nas relações sociais e de paradigmas culturais, devem ser objeto de reflexão pela UNESP, no estabelecimento de sua política de produção científica e de relacionamento com a sociedade.

O desenvolvimento da economia capitalista, no período atual de aumento da competitividade, com vistas à conquista de mercados cada vez mais amplos, requer diminuição dos custos de produção e aumento da capacidade de comunicação em todos os níveis. A incorporação do conhecimento ao processo produtivo torna-se, então, vital para os setores produtivos que pretendem atingir o novo paradigma de comportamento econômico. O domínio desse conhecimento e a capacidade de atualização e de acesso às novas informações exigem uma formação intelectual e profissional contínua, para aqueles que esperam se inserir de forma satisfatória no mercado de trabalho. Essa formação continuada não deve compreender apenas a reinstrumentalização tecnológica daqueles já integrados ao sistema produtivo, mas também o acesso dos mesmos e de outros à cultura e ao conhecimento mais amplo. Os novos atores do processo, seja na iniciativa privada, seja nas instituições públicas, devem ter o perfil profissional flexível e criativo o suficiente para responder a demandas continuamente renovadas, apresentando soluções mais propriamente criativas do que simplesmente engenhosas.

Uma estratégia de atuação deve incorporar não apenas os elementos econômicos, sociais e culturais das transformações, mas também sua dinâmica espacial. Para uma universidade como a UNESP, refletir sobre esta dimensão do processo é ainda mais importante, porque seu arranjo territorial enseja a possibilidade de uma interação/atuação que contenha a multiplicidade da nova divisão econômica do trabalho no Estado de São Paulo e responda aos problemas de segregação sócio-cultural decorrentes dessa dinâmica.

REDES DE EMPRESAS E REDES DE CIDADES

O conjunto das transformações em curso exigem uma reorganização do processo produtivo. De um lado, há a necessidade crescente de incorporação tecnológica. Sob outro prisma, é importante que haja mudanças no comportamento das empresas, implicando em novas formas de cooperação tecnológica e comercial entre as empresas¹.

A concepção de redes de empresas (firm networks) permite a compreensão dos comportamentos produtivos de bens e serviços, que oscilam entre os interesses, às vezes antagônicos, de competição por mercados maiores e de desenvolvimento tecnológico interno.

A ação das empresas que atuam em rede tem como objetivo o controle dos fatores e da trajetória evolutiva das inovações. Ou seja, a diminuição dos custos de produção e controle de inovações por cada empresa em competição com outras do seu ramo dá-se através do estabelecimento de relações de cooperação com outras empresas ou instituições públicas. Dessa forma, o espaço geográfico ganha nova dimensão, porque essas relações exigem o acesso rápido aos centros de redes de produção científica e de informações tecnológicas. Cada empresa ou instituição deve, então, monitorar com mais eficiência sua estratégia de localização e atuação geográfica, de forma a acessar as redes de seu interesse, e de maneira a se constituir também acessível ao conjunto delas.

A estrutura de uma rede urbana, submetida à renovação da lógica de comportamento espacial das empresas, tende a responder a essas novas exigências, reformulando o perfil das metrópoles², mas também aquele das cidades grandes, médias e pequenas, constituindo-se, portanto, um novo sistema urbano.

Tinhamos o domínio de um sistema, que compreende uma hierarquia urbana, apoiada na existência de raios de mercado, com características gravitacionais, estabelecendo-se entre as cidades níveis hierárquicos de dependência na produção e abastecimento de bens e serviços.

O aumento da presença da lógica de atuação das empresas em redes de cooperação produz uma nova estrutura espacial em redes de cidades³ (e não mais rede de cidades), que se constituem como um sistema de relações e de fluxos, com características horizontais, e não necessariamente hierarquizadas. Tais relações e fluxos passam a se estabelecer entre centros complementares, garantindo a criação de novos níveis de especialização, de complementaridade, de cooperação, de inovação, que se traduzem numa nova divisão espacial do trabalho.

Essa nova espacialidade caracteriza-se pela substituição de hierarquia tradicional por uma hierarquia de redes de cidades, organizada em três níveis. Além dos níveis da rede de cidades mundiais e da rede de cidades nacionais especializadas, teríamos um terceiro, qual seja o da rede de cidades regionais especializadas, ligadas pela troca de tecnologia e comercialização, como complementaridade e cooperação, e não mais como competição.

POLÍTICA DE ATUAÇÃO DA UNESP

É justamente a constituição desse terceiro tipo de rede de cidades que a UNESP deve, a meu ver, observar e, mais do que isso, cooperar para o estabelecimento, tendo em vista as cidades onde se encontram suas unidades universitárias.

A análise da economia brasileira ainda indica o papel preponderante do território paulista, no que se refere à rapidez de incorporação das mudanças que estão em curso nas economias avançadas da Europa Ocidental, América Anglo-Saxônica, Japão e Sudeste Asiático. Além disso, os dados referentes ao período 1980-1991 indicam uma diminuição da participação da Região Metropolitana de São Paulo no conjunto da economia paulista, ain-

da que se considere a manutenção de suas funções de gestão e decisão.

A UNESP pode, então, contribuir para a substituição de uma rede urbana paulista, com morfologia piramidal, com excessiva carga de centralidade, como a que ainda temos, por uma morfologia de rede de cidades, apoiada em crescimento da capacidade de produção e difusão de conhecimento nas cidades médias, mesmo mantendo-se o papel primordial da metrópole paulista, como um dos nós de uma rede de cidades mundiais.

Em princípio, uma política que permitisse essa substituição deveria engendrar esforços para a descentralização de recursos e de decisões (em diferentes níveis, inclusive o da própria Universidade). No entanto, é preciso pensar numa política de descentralização que não tenha como função e objetivo uma homogeneização das condições de produção científica e transmissão do conhecimento no interior da Universidade. É importante não confundir igualdade de condições com supressão de diferenças.

A descentralização da indústria e a expansão territorial da infra-estrutura de consumo de bens e serviços não produz a difusão homogênea dos padrões de desenvolvimento econômico e de acesso da sociedade às inovações. O aumento da importância do interior paulista no processo produtivo reforça a necessidade de refletir sobre como a UNESP pode atuar para diminuir as diferenças regionais existentes.

No lugar da ideia de descentralização com vistas a uma igualdade impossível, podemos pensar em *equidade territorial*⁴, que significaria o direito de dispor de chances de desenvolvimento adaptadas às especificidades de cada território.

A partir dessa perspectiva, o papel da Universidade poderia ser o de participação nas funções ditas de intermediação — entre pesquisa e produção, entre os geradores de ordens e os terceiros, entre formação e emprego, entre o público e o privado. Esses papéis de intermediação só podem ser desempenhados se a UNESP não apenas se aproxima das empresas e tenta apresentar respostas às suas demandas, mas, sobretudo, se se debruça para ajudar a superar as barreiras ao desenvolvimento social existentes em cada território.

No que diferem e no que devem ou não diferir as unidades da UNESP, considerando-se a diversidade espacial que se redesenha?

Quais os papéis que desempenham e podem vir a desempenhar cada uma das cidades onde a UNESP está presente, tomando como referência a construção da equidade?

A retomada de uma política de expansão dos cursos de graduação é uma das estratégias que permitiria à UNESP contribuir para uma equidade. É preciso aumentar a possibilidade de acesso ao ensino gratuito e de qualidade em cada uma das regiões do Estado, para que as parcelas sociais que não têm recursos econômicos para se deslocar à procura de cursos possam ampliar sua capacidade de inserção na nova realidade do mercado de trabalho.

A continuidade da política de desenvolvimento da pós-graduação deve ajudar as ci-

dades/unidades da UNESP a se tornarem progressivamente aptas a participar de uma rede de cidades em cooperação, e não necessariamente cada uma delas apta a procurar soluções para todas as naturezas de problemas.

A diversificação das formas de relação entre a UNESP e a sociedade multiplicaria as possibilidades de intermediação científica e cultural. É importante não apenas estabelecer uma política de aproximação entre a universidade e as empresas, mas também procurar novos caminhos para aumentar nossos canais de comunicação com a escola pública de 1º e 2º graus e com os movimentos sociais, se quisermos nos comprometer com a diminuição das desigualdades territoriais e a constituição de novas redes de cidades.

Maria Encarnação B. Sposito é professora do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia do câmpus de Presidente Prudente e membro do Grupo Acadêmico "Produção do Espaço e Redefinições Regionais".

1. A bibliografia que discute o tema é crescente. Destaco, pela síntese apresentada, o artigo de Camagni, e nele me apoio para a análise que desenvolvo.

CAMAGNI, Roberto. Organisation économique et réseaux de villes. In: SALLEZ, Alain (org.). Les villes, lieux d'Europe. Paris: DATAR, Éditions de l'Aube, 1993, p. 107-138.

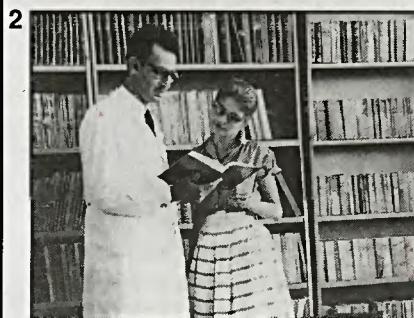
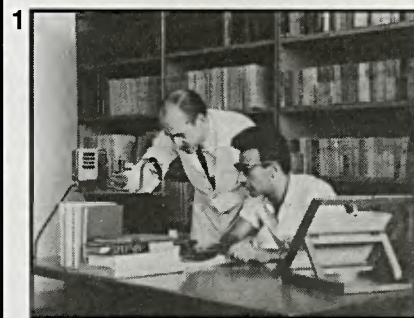
2. A obra que trata de forma mais apropriada, a meu ver, o conjunto das consequências do desenvolvimento tecnológico e, mais precisamente, das telecomunicações, sobre as grandes metrópoles é:

ASCHER, François. Métapolis. Paris, Éditions Odile Jacob, 1995.

3. Ainda segundo CAMAGNI (op. cit.).

4. Baseamo-nos nas ideias de ASCHER (op. cit.), no que se refere a uma proposta de diminuição da hierarquia urbana na rede francesa.

ERRAMOS



Na edição de março último, nº 101, as fotos acima foram legendadas erroneamente. Elas mostram as atividades do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do câmpus de Assis, em 1958. Na foto 1, o professor Antonio Candido orienta aluno; na 2, aparece o professor Naief Sádai.

unesp

Reitor: Arthur Roquete de Macedo
Vice-reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Pró-reitor de Administração: José Carlos Souza Trindade
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: José Ribeiro Júnior
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Vagner José Oliva
Secretário Geral: Darvin Beig
Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Francisco Miguel Belda Neto (FCF-Araçatuba),

Wellington Dinelli (FO-Araçatuba), Telmo Correia Arrais (FCL-Araçatuba), Cristo Bladimiro Melios (IQ-Araçatuba), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Ivan Aparecido Manoel (FAAC-Bauru), Jehud Bortolozzi (FC-Bauru), Ivan de Domenico Valarelli (FET-Bauru), Ricardo Antônio de Arruda Veiga (FCA-Botucatu), Luiz Antônio Vane (FM-Botucatu), Luís Antônio Toledo (IB-Botucatu), Frederico Ozanam Papa (FMVZ-Botucatu), Neide Aparecida de Souza Leffeld (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FEGuaratinguetá), Laurence Duarte Colvara (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Cândido Giraldez Vieitez (FFC-Marília), Alvanir de Figueiredo (FCT-Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio

Claro), Marcos Aurélio F. de Oliveira (IGCE-Rio Claro), Wilson Maurício Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e John Edward Boudler (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Celso Góes, Tânia Belickas e Waltair Martão

Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Monica Richter
Colaboraram nesta edição: Irineu Franco Perpétuo, Maria Encarnação Beltrão Sposito e Oscar D'Ambrosio (texto); Hélcio Toth e Luiz

Rocateli (foto); Sergio Cotrim Meirelles (editoração eletrônica)
Produção: Mara R. Marcato e Patricia do Carmo
Revisão: Maria Luíza Simões
Pesquisa: Dedoc/Abril
Tiragem: 25.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207.
Fotolito e Impressão: IMESP

SOLENIDADE

Tributo aos 20 anos da Universidade

Em meio a protestos contra a política educacional do governo, UNESP recebe homenagem na Assembléia Legislativa de São Paulo

Os 20 anos da UNESP foram coroados com uma solenidade realizada pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo no último dia 15 de abril. A idéia partiu do deputado José Baccharin (PT), ex-aluno e professor licenciado da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal, que presidiu a cerimônia. "A UNESP é uma das mais produtivas instituições de ensino superior do Estado", justificou. Estiveram presentes à solenidade o reitor Arthur Roquete de Macedo, o vice-reitor Antonio Manoel dos Santos Silva, os pró-reitores e assessores, além de representantes da Associação dos Docentes da UNESP (Adunesp), do Sindicato dos Trabalhadores da UNESP (Sintunesp), da USP, Unicamp e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre outros convidados.

O deputado Jaime Gimenez, líder da bancada do PMDB na Assembléia, abriu os discursos destacando a importância da UNESP no desenvolvimento do interior paulista, principalmente na área social. "Só no Hospital das Clínicas de Botucatu, por exemplo, a Universidade atende 200 mil pessoas por ano", resumiu. O clima de festa, porém, acabou comprometido pelo protesto de políticos e da comunidade unespiana contra a política educacional do governador Mário Covas e do presidente Fernando Henrique Cardoso. Tanto o reitor Roquete de Macedo como os dirigentes sindicais da Adunesp, do Fórum das Seis — que congrega associações de professores e funcionários das três universidades estaduais paulistas —, do Sintunesp e líderes das bancadas do



ELOGIOS E CRÍTICAS
Homenagem no plenário, vaias nas galerias. O reitor (no detalhe): "Autonomia é fundamental"

PMDB, PT e do PC do B, proferiram críticas contundentes à redução orçamentária imposta à UNESP, USP e Unicamp e à reforma administrativa do governo federal, que pretende regulamentar a autonomia universitária — prevista no artigo 207 da Constituição — por meio de lei ordinária. As universidades entendem que, com essa regulamentação, a autonomia universitária ficaria sujeita a mudanças, no caso de troca de governo.

ARTIGO 207

O reitor lembrou, na ocasião, que a autonomia didático-científica, administrativa e de ges-

tão financeira é fundamental para o ensino universitário paulista. "Foi graças principalmente à autonomia que a UNESP pôde se desenvolver", ressaltou. Para ele, é preciso "lutar pela manutenção do artigo 207 como princípio constitucional." Diante de uma platéia composta por cerca de 300 pessoas, Macedo propôs que os deputados refletissem sobre a postura adotada na última votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), que restringiu o orçamento das universidades estaduais públicas. Nesse momento, os estudantes, que lotaram a galeria do Plenário Juscelino Kubitschek, aplaudiram o discurso do reitor e exibiram faixas com frases como "Defe-

sa do ensino público, gratuito e de qualidade" e "11% do ICMS para as universidades estaduais paulistas". O professor Emanuel Rocha Woiski, presidente da Adunesp, enfatizou que as universidades estaduais públicas e a Fapesp estão sendo tratadas como "inimigas públicas número um do Estado", por consumirem parte dos recursos do ICMS. "De fato, por parte do governo, não temos nada para comemorar".

Representando o governador, o deputado Milton Flávio Lautenschlager (PSDB), ex-aluno e professor da Faculdade de Medicina da UNESP, mal conseguiu falar diante das vaias. Lautenschlager lembrou que as dívidas do governo estadual, principalmente com o Banespa, estimada em R\$ 17 bilhões, impedem uma destinação maior de recursos orçamentários para as universidades públicas. "É importante que as universidades incrementem a política de parcerias, o que ajudaria a preencher o seu orçamento", frisou. O discurso não convenceu. Ao final da cerimônia, a platéia cantou, em cântico: "Governador, que traição, querem acabar com a educação".

PALESTRA

Entre o 'produtivismo' e a 'torre de marfim'

Diretor da Folha de S. Paulo afirma, em conferência, que universidade deve ser independente e útil à sociedade

O momento da imprensa brasileira e a função da universidade na sociedade atual foram os temas da conferência "A importância da informação na sociedade moderna", proferida pelo jornalista Otávio Frias Filho, 38 anos, diretor de redação do jornal *Folha de S. Paulo*, no auditório do Conselho Universitário, na Reitoria, no dia 12 de abril último. O convite a Frias Filho partiu do reitor da UNESP, professor Arthur Roquete de Macedo. "Embora jovem, ele tem demonstrado competência para comandar um dos principais jornais do País", justificou Macedo. "A cidadania se impõe pelo conhecimento, e este é obtido pela informação", ressaltou o jornalista no início de sua exposição. "A imprensa e a universidade têm, portanto, um papel semelhante em todo esse processo." Estiveram presentes ao encontro, incluído nas atividades programadas em 1996 para comemorar os 20 anos da Universidade, funcionários da Reitoria e convidados de várias instituições de ensino do Estado, entre os quais os professores Roberto Romano e Maria Sylvia Carvalho Franco, da Unicamp.

Perguntado sobre a forma como a universidade pública deve atuar junto à sociedade, Frias Filho defendeu o meio termo entre a 'torre de marfim' e o 'produtivismo'. Segundo ele, "o ideal é que a universidade rompa o isolamento em que se encontra, mas que tam-



CONDESCENDÊNCIA
Frias Filho: faltou crítica aos desmandos do Governo

bém não vá para o lado oposto do produtivismo empresarial". No seu entender, ela deve atender à expectativa da sociedade "preservando sua característica fundamental de ser um local onde se exercita o livre pensar", ressaltou.

IDEOLOGIA

O sucateamento da educação no Brasil e a crescente ameaça à autonomia das universi-

dades foram questões lembradas por alguns dos presentes como exemplos de que o governo atual não tem dado a devida importância a áreas como educação e saúde. Comentou-se, por exemplo, que o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso está mudando seu discurso socialista, ao pedir para que todos esqueçam o que ele disse e fez antes de ser eleito. Nesse contexto, Frias Filho foi cobrado

a respeito do posicionamento da imprensa, em geral pouco crítica em relação a recentes atitudes do Governo, como a troca de favores para a aprovação de alterações na Previdência Social e a CPI dos bancos. "Enquanto a inflação estiver contida, a tendência da imprensa é apoiar o governo, refletindo, de certa forma, a opinião da classe média, a grande consumidora de nossos jornais e que tem emprestado altos índices de credibilidade a esta administração", lembrou o jornalista. "Não é uma questão puramente ideológica", tentou explicar, "mas técnica, principalmente porque o imediatismo do jornalismo diário impede investigações mais profundas nos casos que envolvem a política".

Antes de encerrar o encontro, de pouco menos de duas horas, Frias Filho opinou sobre a obrigatoriedade do diploma universitário de jornalismo para quem pretende ingressar na carreira. Segundo ele, o nível das faculdades, em geral, é muito baixo e os fundamentos da profissão acabam se diluindo durante o curso em disciplinas que pouco têm a ver com a carreira. "Em seis meses de jornal, qualquer pessoa é capaz de aprender as técnicas ensinadas nos quatro anos de faculdade", afirmou. Para Frias Filho, o modelo ideal de jornalista é aquele formado nas universidades americanas. "É um profissional formado em humanística com especialização jornalística por área de atuação."



Fotos: Monica Richter

Se houver qualidade, haverá financiamento

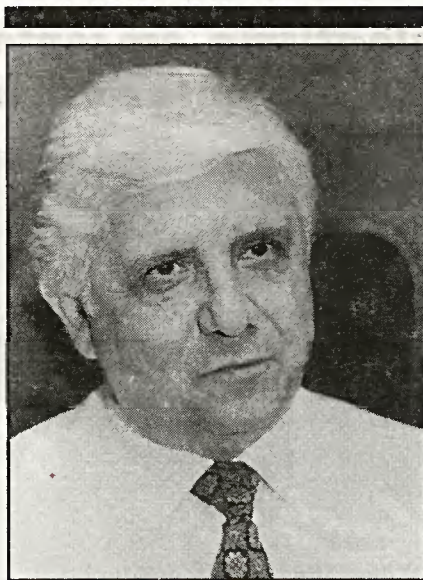
Instituição considerada exemplar, mesmo para os parâmetros internacionais, a Fapesp inova suas formas de financiamento, implanta novos programas e, pela primeira vez, investe em educação básica

Entrevista a TÂNIA BELICKAS

Próximo de completar sua gestão de três anos à frente do Conselho Técnico-Administrativo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Fapesp, o professor Nelson de Jesus Parada, 56 anos, está satisfeito com os resultados preliminares da nova política de financiamento à pesquisa, iniciada em 1994. Além do atendimento à demanda espontânea dos pesquisadores, a fundação está induzindo projetos em áreas consideradas estratégicas. Entre os novos programas lançados estão o de financiamento para a recuperação e modernização da infraestrutura dos centros de pesquisa no Estado, o de inovação tecnológica e o de melhoria do ensino público. Professor aposentado de física da Unicamp e ex-secretário de Tecnologia Industrial do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio, Parada explica, nesta entrevista, a nova filosofia implantada na sua gestão e aborda assuntos referentes à estrutura, funcionamento e organização da Fapesp, que é considerada modelo em todo o País.

Jornal da UNESP — Por que, depois de 33 anos, a Fapesp resolveu inovar a sua forma de financiamento à pesquisa?

Nelson de Jesus Parada — No passado, quando o Conselho Superior, órgão máximo da Fapesp, e o CTA, detectavam deficiências no sistema de ciência e tecnologia no Estado, eram aprovados projetos especiais. A comunidade era estimulada a apresentar pesquisas. Mas isso era esporádico e pontual. Nessa nova administração, o Conselho resolveu analisar mais profundamente o sistema de ciência e tecnologia no Estado, para estudar que tipos de programas poderíamos implantar vi-



"Todo projeto de qualidade recebe financiamento. Se os recursos do Estado não forem suficientes, tiramos dinheiro do nosso patrimônio"

sando resolver carências e dificuldades do setor. Queremos que os investimentos em pesquisas proporcionem recursos ou produtos que possam contribuir para o desenvolvimento econômico e social do Estado. Agora, nós estamos induzindo a pesquisa. E fazemos isso porque temos dinheiro. Nesse contexto, surgiu a idéia das parcerias. Numa economia globalizada, a parceria é uma questão de sobrevivência.

JU — Qual o orçamento da Fapesp para este ano?

Parada — Nós temos 1% do ICMS, que no ano passado representou quase R\$ 140 milhões. Imaginamos que, para

este ano, o número não seja diferente. Em receita própria, temos cerca de R\$ 120 milhões. Por determinação da lei, a Fapesp é obrigada a ter um patrimônio rentável. Grande parte da nossa receita está aplicada no mercado financeiro. Quando foi promulgada a Constituição, em 1988, a Fapesp passou de 0,5% para 1% da arrecadação líquida do ICMS. A fundação chegou a ter um patrimônio da ordem de R\$ 300 milhões. Essas aplicações, se a situação econômica do País continuar estável, continuarão a render mais de R\$ 100 milhões anuais. Essa verba é aplicada nos programas especiais criados pela fundação. Os programas tradicionais, as bolsas de estudo e os auxílios à pesquisa são pagos com o dinheiro do governo. Se sobra, colocamos em outros programas.

JU — Dentro dessa nova política, quais foram os programas especiais implantados pela Fapesp em 1995?

Parada — Criamos o Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes. Quando digo jovem, não estou me referindo à questão da idade, mas à questão da produ-



tividade. Queremos que o pesquisador trabalhe num centro emergente, um centro em fase de formação. A UNESP pode ser um centro emergente em determinadas áreas. A idéia é estimular a difusão de centros de pesquisa no Estado. A Fapesp financia o projeto e investe em infra-estrutura para o pesquisador trabalhar nesse centro emergente. Já o Programa de Apoio à Capacitação Tecnológica das Universidades, Institutos de Pesquisa e Desenvolvimento e Empresas é uma tentativa de fortalecer a pesquisa no Estado. Prevê o financiamento de projetos de inovação tecnológica entre universidades, institutos de pesquisa e empresas. Mas, no final, terá que, obrigatoriamente, apresentar um produto ou serviço que tenha valor econômico e social. Os programas terão um orçamento de R\$ 10 milhões cada um.

JU — *Pela primeira vez a Fapesp está investindo em educação básica. Isso demonstra a preocupação da fundação com os benefícios sociais da pesquisa?*

Parada — A Fapesp não pode resolver o problema do ensino básico. Não tem vocação nem dinheiro para isso. Mas resolvemos criar o Programa de Pesquisas Aplicadas sobre a Melhoria do Ensino Público no Estado de São Paulo, que terá recursos da ordem de R\$ 5 milhões. Não adianta ficar desenvolvendo metodologias só dentro da universidade. É preciso aplicá-las. A idéia é financiar pesquisas sobre problemas concretos de ensino, em parceria com pesquisadores e professores vinculados às escolas.

JU — *Como surgiu a idéia de criar o Programa Emergencial de Apoio à Recuperação e Modernização da Infra-Estrutura de Pesquisa do Sistema Estadual de Ciência e Tecnologia?*

Parada — Constatamos que estava uma lástima a estrutura de ciência e tecnologia no Estado. Havia dificuldades originadas pela falta de recursos das universidades estaduais públicas, dos institutos, etc. Então, resolvemos criar um programa de infra-estrutura que, no início do ano passado, foi emergencial. Este ano, o programa ainda é emergencial, mas estamos aceitando propostas voltadas para a modernização de laboratórios e equipamentos.

JU — *Quantos pedidos a Fapesp recebeu referentes a esse programa?*

Parada — Na primeira etapa, recebemos 1.102 projetos, totalizando R\$ 120 milhões em recursos solicitados. Desse total, foram aprovados 847 projetos e liberados R\$ 66 milhões. Na segunda fase, lançada no ano passado, houve um salto surpreendente na demanda por recursos para infra-estrutura. Foram encaminhados 3.048 projetos, num valor total solicitado de aproximadamente R\$ 480 milhões. Esse valor superou em muito as nossas expectativas. Nós tínhamos previsto inicialmente uma verba de R\$ 50 milhões para cada ano do programa. Só que a demanda foi tão grande, que o Conselho Superior, por sugestão do CTA, destinou, até agora, para as duas

fases do programa, R\$ 190 milhões. Desse total, R\$ 66 milhões foram liberados, restando, para a segunda fase, R\$ 124 milhões. Mas será difícil alcançar um percentual de atendimento próximo àquela da primeira fase do programa.

JU — *Até o momento, quantos pedidos relacionados à segunda fase do programa de infra-estrutura foram aprovados pela Fapesp?*

Parada — Na segunda etapa do programa de infra-estrutura, os projetos foram distribuídos por cinco módulos. Das 747 solicitações referentes ao módulo 1 — Equipamentos Especiais Multiusuários — que totalizaram R\$ 158 milhões, a fundação aprovou o financiamento de 174 projetos, equivalente a R\$ 30,1 milhões. A UNESP teve 38 pedidos aprovados, que correspondem a R\$ 4,4 milhões. A USP vai receber R\$ 13,5 milhões pela aprovação de 63 projetos. Os projetos relacionados aos outros módulos — modernização dos recursos em informática, infra-estrutura de bibliotecas, infra-estrutura geral e livros — ainda estão sendo analisados.

JU — *Diante de tantas solicitações por recursos em infra-estrutura, o que a Fapesp pretende fazer com os projetos que não puderam ser atendidos?*

Parada — Esses programas especiais têm prazo. A idéia é que ou o programa termina ou, a partir de um determinado momento, os pedidos

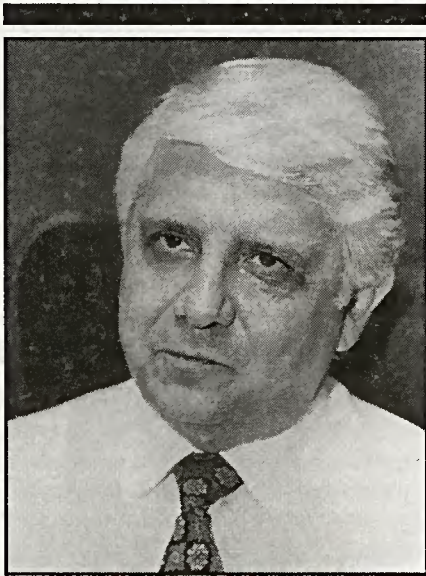
passem a entrar pelas vias tradicionais de financiamento da Fundação. Dependendo do tipo de programa, isso pode acontecer. Mas não é o caso do programa de infra-estrutura. Mas já encontramos uma forma de driblar isso. O programa de infra-estrutura tem duração de três anos. Desde o início do ano passado, todo pedido de auxílio à pesquisa recebe da Fapesp uma verba adicional de 10% sobre o valor total, que é a chamada reserva técnica. Esse recurso extra vai para o departamento no qual o projeto é desenvolvido, para ser utilizado em infra-estrutura. Em pouco tempo, não haverá mais necessidade de manter programas de investimento em infra-estrutura, já que haverá dinheiro sistemático entrando por meio do departamento. Departamentos que não têm grupos de pesquisa não receberão dinheiro.

JU — *A Fapesp está com suas diretrizes acordadas com a política de ciência e tecnologia do Estado?*

Parada — Desde a sua criação, em 1960, na administração do governador Carvalho Pinto, a Fapesp tem, por res-

ponsabilidade constitucional, promover o desenvolvimento científico e tecnológico no Estado de São Paulo. Mas a montagem da política científica e tecnológica do Estado não é de responsabilidade da fundação. Temos um relacionamento muito bom com a Secretaria de Ciência e Tecnologia e procuramos detectar os interesses do Estado nessa área. Quer queira ou não, recebemos recursos públicos. Mas a política estadual de ciência e tecnologia define metas e prioridades, que podem variar de um governo para outro. Esses programas especiais, de alguma forma, refletem uma prioridade da fundação. Estamos buscando resolver problemas e induzindo a comunidade a apresentar projetos de pesquisa em determinadas áreas, visando o desenvolvimento econômico e social do Estado.

JU — *Esta não seria uma forma de fazer política?*



"A UNESP deu um grande salto à frente. Nos últimos anos, aumentou significativamente o número de projetos aprovados"

Parada — Claro, mas não saímos por aí determinando qual deve ser a política do Estado. Existe para isso o Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia, do qual a Fapesp faz parte, que está definindo a política de ciência e tecnologia para o Estado. Pode ser que a Fapesp financie alguns desses programas que estão sendo formulados. Vai depender de uma análise mais aprofundada. Mas, com certeza, saímos na frente. Para a Fapesp, não é essencial a existência de uma po-

lítica, porque atendemos a demanda espontânea e a induzida, que é um levantamento que fazemos das carências no Estado.

JU — *Quais são os critérios que norteiam a dotação de verbas para essa ou aquela pesquisa?*

Parada — Todas as áreas do conhecimento humano recebem tratamento idêntico na fundação, o mesmo em relação à pesquisa teórica e à aplicada. Não existem critérios dizendo que uma parcela do dinheiro vai para a engenharia, outra para a física etc. Isso não existe aqui. Tudo que tem mérito é aprovado. Se o dinheiro do Estado não der, tiramos dinheiro do nosso patrimônio para cobrir. Durante estes três últimos anos, não houve um projeto de qualidade que não tenha recebido financiamento.

JU — *Como é, hoje, a estrutura administrativa da Fapesp?*

Parada — Extremamente enxuta. A lei que criou a fundação determina que não podemos gastar mais do que 5% do orçamento com pessoal. Mas nós tomamos a decisão de não gastar mais

do que 1%. Nos últimos três anos, conseguimos cumprir essa meta. No total, temos cem funcionários, todos em São Paulo. Quem faz toda a análise, que é a parte cara, são os pesquisadores, que trabalham gratuitamente.

JU — *Como a Fapesp tornou-se esta instituição consagrada no meio acadêmico e científico?*

Parada — Há duas razões principais que tornaram a fundação um modelo de excelência em nível nacional e internacional. A primeira é que todo projeto submetido a ela só recebe financiamento se tiver mérito científico ou tecnológico. O julgamento do mérito é feito pelos pares. O projeto passa pela estrutura formal da fundação, mas a análise final é feita pelos próprios pesquisadores do Estado de São Paulo. Nunca é um burocrata que faz isso. Temos um banco de dados, com cerca de sete mil pesquisadores, que são responsáveis por essa análise. Se existe mérito, o projeto é financiado. O segundo aspecto importante é que há uma interação entre o assessor, que está analisando o projeto, e o pesquisador, que formulou a proposta. O parecer do assessor é encaminhado ao pesquisador, que pode discordar do resultado e recorrer. Existem casos em que o assessor dá dicas de como o pesquisador pode aprimorar o seu trabalho para obter mérito e, conseqüentemente, financiamento. A Fapesp é das poucas instituições, em nível internacional, que realiza essa interação.

JU — *Nos últimos anos, aumentou a participação da UNESP nos programas de financiamento da Fapesp? Nesse aspecto, qual a avaliação que você faz da Universidade?*

Parada — Na primeira fase do programa de infra-estrutura, por exemplo, a UNESP deu um salto e ficou em segundo lugar em número de projetos aprovados, passando à frente da Unicamp. Lógico que a Universidade não teria esses recursos se não tivesse mérito. Dentro dessa nova política de induzir a pesquisa, diria que existe uma capacidade muito grande estabelecida nas universidades, e a UNESP está apresentando projetos dentro desses novos programas. A administração atual da UNESP tem sido extraordinária, no sentido de dar unidade à instituição e de lutar pelo seu conjunto.

JU — *Quais os desafios da pesquisa científica para o próximo século?*

Parada — É um pouco difícil de se prever. Estamos passando por transformações muito grandes. Hoje, o tempo decorrido entre uma invenção e a sua transformação num produto industrial está diminuindo rapidamente. Cada vez mais, com a globalização da economia, as grandes empresas que eram competidoras se juntam para desenvolver uma infra-estrutura onde todas vão poder usufruir. Por um problema de mercado, é preciso juntar forças. Diria que existem áreas promissoras, como as engenharias, a biotecnologia, a genética, a informática e as telecomunicações. São essas áreas, acredito, que vão revolucionar a ciência nas próximas décadas.



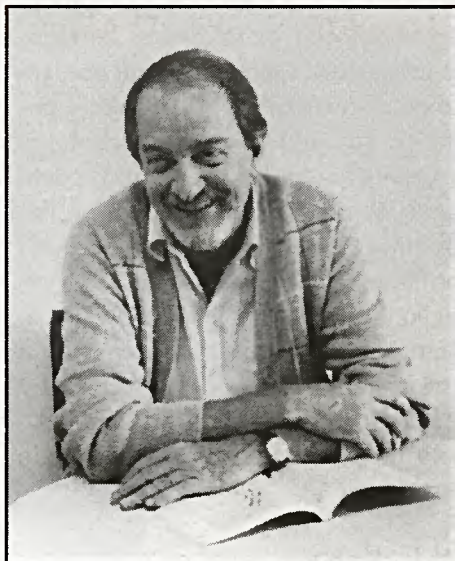
EDUCAÇÃO

De olho na qualidade do ensino

Vem aí o IV Congresso sobre Formação de Educadores

1996 foi escolhido o Ano da Educação no Brasil. Os governos federal e estadual elegeram o ensino fundamental como prioridade e estão empenhados na erradicação do analfabetismo e da evasão escolar e na qualificação dos professores da rede pública de primeiro e segundo graus. Avaliar a atuação do poder público na área de ensino e a responsabilidade das universidades na tarefa de formar e orientar professores é a proposta do IV Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, que será realizado entre 27 e 31 de maio em Águas de São Pedro, no interior do Estado. Realizado a cada dois anos pela UNESP e co-promovido pela USP, Unicamp, Secretaria de Estado da Educação e outras oito instituições ligadas ao ensino, a quarta versão do evento terá como tema a "Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade". "Diante da política de privatização do governo e da redução da ação social do Estado, é importante discutir as responsabilidades do educador e do Governo no atendimento às necessidades básicas da população", ressalta o professor Celestino Alves da Silva Júnior, coordenador da Comissão Organizadora do evento.

O congresso será dividido em mesas-redondas, conferências, grupos de trabalho,



Monico Richier

REFERÊNCIA
Silva Júnior: fórum de debates

seminários, sessões de comunicação e atividades culturais. Especialistas em educação do governo — entre eles, Eunice Ribeiro Durham, secretária de Política Educacional do Ministério da Educação, Rose Neubauer da Silva, secretária Estadual de Educação, e Miguel Arroyo, secretário adjunto da Secre-

taria Municipal de Educação de Belo Horizonte — abrirão os debates sobre o poder público e a formação de educadores no Brasil atual. Um dos pontos altos do encontro será a reunião de seis grupos de trabalho formados por especialistas da área, em torno dos seguintes temas: Licenciaturas, Pedagogia, Pós-graduação e pesquisa em educação, Formação continuada dos profissionais de ensino, Formação de professores para as séries iniciais de ensino de 1º grau e Educação especial. De acordo com Silva Júnior, o congresso transformou-se num fórum de intercâmbio de idéias e experiências entre professores dos três níveis de ensino do Estado. "A proposta é consolidar o evento como instância de referência para as decisões políticas relacionadas à formação dos profissionais de educação no Estado", explica.

Deverão participar do IV Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores 600 especialistas. A novidade, este ano, será a publicação de três livros contendo textos integrais das conferências, exposições e comunicações promovidas no evento, que deverão ser colocados à venda em livrarias, e a produção de um CD-ROM pelo Departamento de Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia e Ciências do câmpus de Marília.

POSSES



Luiz Roccolli

PRIORIDADES
Abi Rached e Dinelli: novos rumos na FO



Monico Richier

DEBATES
Marins e Fernandes: reformulações na FE

Unidades renovam diretorias

Odontologia de Araraquara e Engenharia de Guaratinguetá

Os meses de março e abril marcaram a renovação de diretorias em duas importantes unidades da UNESP. No último dia 28 de março, o professor Welington Dinelli tomou posse como diretor da Faculdade de Odontologia (FO) do câmpus de Araraquara. Dinelli substituiu Luís Roberto de Toledo Ramalho, que dirigiu a faculdade entre 1992 e 1996. Eleito pela comunidade, cumprirá a nova função até o ano 2000, tendo como vice-diretor Ricardo Samih Georges Abi Rached, professor-adjunto do Departamento de Diagnóstico e Cirurgia. "Pretendo dar continuidade à administração anterior, enfatizando ainda mais as áreas de ensino, pesquisa e extensão", planeja o novo diretor.

Entre os projetos que Dinelli pretende implantar na FO está a criação de um conselho permanente de administração, que terá a missão de analisar as prioridades e viabilizar determinados empreendimentos, como a compra de equipamentos ou reformas de instalações. Está também em andamento a criação do Centro de Pesquisa em Biomateriais Odontológicos, que deverá ocupar uma área de 230 m² no 3º andar do prédio da FO. "Esperamos que o centro se torne unidade auxiliar ainda em 1996, servindo para estudos de nossos alunos de graduação e pós-graduação e de pesquisas de outras instituições", afirma Dinelli.

PROJETO SÊNIOR

No dia 10 de março, foram empossados os professores Fernando Augusto Silva Marins e Guilherme Eugênio Filippo Fernandes, respectivamente como diretor e vice-diretor da Faculdade de Engenharia (FE) do câmpus de Guaratinguetá. Eles assumiram os postos dos professores Herman Jacobus Cornelis Voorwald e Luiz Roberto Carroci, que tiveram suas administrações apontadas como das mais contribuíram para o desenvolvimento da UNESP, durante a cerimônia de posse, presidida pelo vice-reitor Antonio Manoel dos Santos Silva.

Em sua gestão, Marins pretende reformular a estrutura básica dos cursos, pesquisas e trabalhos de extensão da FE. O novo diretor quer também recuperar toda a parte de infra-estrutura do câmpus, segundo ele um pouco relegada após tanto tempo em funcionamento. Em sua opinião, o mais importante será a inserção da faculdade nos problemas da conjuntura regional. "Já temos alguns estudos em andamento, como a instalação do projeto Sênior, ainda inexistente no município, e pretendemos debater várias questões junto à Prefeitura e a outros órgãos que desenvolvem trabalhos sociais na região", afirma.

3X4

Welington Dinelli, 57 anos, nasceu em São Carlos. Formou-se em Odontologia pela antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara, em 1963. Doutorou-se pela mesma faculdade, em 1970, na área de Dentística, realizando pesquisas também no Departamento de Materiais da Escola de Engenharia da USP de São Carlos. Tornou-se professor livre-docente em 1974. Quatro anos depois, venceu concurso para professor adjunto. Em 1981, tornou-se professor titular. Antes de ser indicado para a direção da FO, trabalhava como vice-diretor e atuava junto à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Fernando Augusto Silva Marins, 42 anos, nasceu em Guaratinguetá. Formou-se em Engenharia Mecânica, em 1976, pela então Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá, hoje incorporada à UNESP. Fez o mestrado no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (Ita), em São José dos Campos, em 1980, na área de processos de estocagem. Defendeu tese de doutorado em 1984, com trabalho em pesquisa operacional e programa linear em Redes, na Faculdade de Engenharia Elétrica da Unicamp. Em seguida, fez o pós-doutorado na Universidade de Brunel, Londres. Um ano depois, tornou-se professor titular do Departamento de Mecânica da FE.

RESUMO

MICROSCOPIA ELETRÔNICA

No final de 1995, o Centro de Microscopia Eletrônica, localizado no Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Botucatu, foi oficialmente elevado à categoria de unidade de auxiliar. Criado em 1975, é considerado referência para todo o Estado de São Paulo. Seu laboratório está equipado, entre outros aparelhos, com um microscópio eletrônico de varredura, ponto crítico, metalizador e equipamentos de microtomia e fotografia, permitindo a análise de qualquer tipo de material biológico. É usado em atividades de ensino, pesquisa e extensão da UNESP, e está aberto a pesquisadores de outras instituições de ensino, como a USP e a Unicamp. "Conquistamos independência administrativa para agilizar a obtenção de recursos financeiros e podemos contratar pessoal", explica a bióloga Elisa Aparecida Gregório, supervisora do Centro.

INFECÇÃO HOSPITALAR

A Comissão Permanente de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina (FM) do câmpus de Botucatu distribuiu, no final de fevereiro último, o *Manual de Recomendações de Uso de Soluções Germicidas*. A publicação, entregue às chefias médicas, de enfermagem e de diversas unidades do hospital, é de autoria de Adelina Guimarães, enfermeira-chefe da comissão. "Sistematizei informações a respeito de soluções germicidas, como esterilizantes químicos, desinfetantes de artigos e superfícies anti-sépticas, todas preconizadas pela portaria 930/92 do Ministério da Saúde", explica Adelina. Segundo ela, o objetivo foi nortear o trabalho da equipe de saúde do hospital e publicar um livreto que servisse como material de consulta para os alunos da FM.

VIAGEM HISTÓRICA

Nos meses de junho e julho, o Projeto Barroco Memória Viva, idealizado no Instituto de Artes (IA) do câmpus de São Paulo, levará 80 estudantes e professores para pesquisas em cidades históricas de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Argentina. Realizado anualmente, o projeto inclui palestras e apresentações em faculdades da UNESP e em regiões representativas do movimento Barroco. De acordo com Percival Trapepe, docente do Departamento de Expressão e Comunicação do IA e um dos coordenadores do projeto, o objetivo dos encontros é possibilitar um estudo mais aprofundado das manifestações artísticas do período Barroco. Desta vez, além do IA, o evento contará com a participação de docentes da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, da USP, das Universidades Federais de Minas Gerais e do Rio de Janeiro e da Faculdade Santa Marceлина. Os cursos acontecerão a partir de abril. Maiores informações pelo tel. (011) 274-4733, no IA.

CURSOS DE EXTENSÃO

A Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, Proex, está distribuindo, em todas as unidades da Universidade, o *Catálogo dos Cursos de Extensão Universitária UNESP*. Primeiro documento do gênero na UNESP, tem 260 páginas e traz uma ficha detalhada de todos os 212 cursos de extensão existentes nas 14 cidades onde a UNESP mantém câmpus. "Esperamos que a veiculação dessas informações incentive o intercâmbio entre coordenadores de cursos de diferentes câmpus", afirma o pró-reitor Wagner José Oliva, da Proex.

TURNÊ MUSICAL

O violonista Paulinho Nogueira, o saxofonista Nivaldo Ornelas e o acordeonista Renato Borghetti, três dos maiores instrumentistas brasileiros, estarão se apresentando dia 12 de abril, às 19 horas, no Anfiteatro Guilhermino do câmpus de Rio Claro. O show será a segunda performance da primeira turnê de 1996 do Projeto Banco do Brasil Musical. O projeto, iniciado em 1993, será, até junho, realizado em cidades predominantemente universitárias. Faz parte da programação também um workshop com os músicos, às 15 horas, no mesmo local, para estudantes de música, do 2º grau e demais interessados. Até o dia 6 de maio, outras cidades de São Paulo, como Marília, Bauru e Presidente Prudente, do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul receberão os músicos. A programação da segunda turnê, em maio e junho, com outros artistas, ainda não está definida.



DIVULGAÇÃO

Minuto de ciência

Rede Globo mostra, em boletins diários, a produção da Universidade

No ano em que completa 20 anos de atividades, a UNESP encontrou um novo meio de divulgar suas pesquisas. Desde o último dia 18 de março, a Rede Globo Oeste Paulista está veiculando diariamente boletins com duração de um minuto, mostrando pesquisas e serviços prestados à comunidade para o público de 110 cidades da região centro-oeste do Estado. E o melhor, sem acarretar ônus financeiro para a Universidade. O trabalho, batizado *Minuto no Câmpus*, tem como proposta apresentar pesquisas realizadas pela UNESP que sejam de interesse da comunidade. Para viabilizar a produção dos programas, foi assinado um convênio entre a UNESP, a Rede Globo Oeste Paulista e a TBR — Produção de Imagens e Textos. Ficou acordado que a Universidade vai coordenar e orientar a produção dos informativos, que serão gravados e editados pela TBR. Caberá à Rede Globo Oeste Paulista, por sua vez, assessorar a produção dos boletins e veiculá-los durante a programação. “Esse é um serviço importante de utilidade pública, principalmente num momento em que se cobra da universidade brasileira um maior relacionamento com a iniciativa privada e transparência de suas atividades junto à sociedade que a mantém”, ressalta o reitor Arthur Roquete Macedo.

ERVAS DANINHAS

A idéia partiu da Rede Globo Oeste Paulista, sediada em Bauru, que propôs a parceria. “Queremos resgatar as pesquisas feitas pela UNESP e levá-las ao conhecimento da população para que possam ser usufruídas”, destaca Mauro Martins Gonçalves, diretor da emissora. Segundo ele, o trabalho não tem perspectivas comerciais. “Nosso interesse é institucional.” O convênio prevê a realização de



PRESTAÇÃO DE CONTAS

O reitor da UNESP, Arthur de Macedo (centro): transparência das atividades acadêmicas junto à sociedade

trinta programas durante um ano. A TBR está arcando com todas as despesas da produção, da captação de imagens até a edição final dos boletins em padrão Betacam, compatível com o da programação da Rede Globo Oeste Paulista. Os roteiros estão sendo feitos por Luciana Gonçalves, com larga experiência em trabalhos de roteiro, produção e direção de filmes de curta e longa-metragens, e a locução pelo radialista Mário Moraes, do Centro de Rádio e Televisão Cultural e Educativa do câmpus de Bauru da UNESP. Como contra-

partida, a produtora entra nos créditos do programa. “Com esse trabalho, colaboramos com a divulgação dos benefícios sociais originados das pesquisas da Universidade e reforçamos nossa imagem institucional”, diz Willians Ceruzzi Balan, diretor da TBR.

O projeto contempla pesquisas desenvolvidas nas unidades universitárias de Assis, Bauru, Botucatu e Marília, cidades onde a UNESP tem câmpus e que são área de abrangência da Rede Globo Oeste Paulista. Os programas de estreia mostram desde estudos na

área médica para combater doenças como o câncer e técnicas inovadoras para o crescimento de crianças e adolescentes, até uma invenção para matar ervas daninhas com choques elétricos. Segundo José Roberto Ferreira, assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa da Reitoria e coordenador do convênio pela Universidade, as inserções acontecem diariamente num esquema rotativo. “A cada quatro semanas, quatro programas serão renovados e veiculados alternadamente na programação da emissora”, explica.

CONVÊNIO

A saúde que vem de Cuba

Parceria entre Prefeitura e Universidade pode trazer fábrica de remédios cubanos

As boas relações da UNESP com prefeituras de cidades onde há câmpus universitários estão ganhando uma dimensão ainda maior do que aquelas de abrangência local ou regional. Depois de uma extensa e robusta lista de trabalhos conjuntos no âmbito do município, como por exemplo a realização de análises clínicas para a população carente, a Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) e a Prefeitura de Araraquara já deram início a um processo que envolve um terceiro parceiro: o governo de Cuba.

Durante a primeira semana de março, uma missão oficial, organizada pelo prefeito Roberto Massafera e pelo deputado federal Marcelo Barbieri, foi a Cuba contando com a participação de oito docentes da FCF e um da Faculdade de Odontologia, além de empresários e médicos da cidade. “O modelo neo-liberal em curso no Brasil já se mostrou ineficiente no México e na Argentina, em termos de políticas sociais”, observa o prefeito Massafera. “E Cuba, em função de seu regime socialista, pode vir a ser uma alternativa para a solução de alguns problemas enfrentados pela nossa população”, propõe.

O prefeito se refere ao trabalho realizado por universidades e institutos de pesquisa cubanos no desenvolvimento de fármacos, medicamentos, equipamentos hospitalares e biotecnologia agrícola, áreas em que o Brasil é menos desenvolvido que Cuba. “Em compensação, estamos bem desenvolvidos na produção de adubos e de alimentos com alto teor de proteína, produtos dos quais Cuba tem grande neces-



A MISSÃO

Os docentes, no laboratório de química da Universidade de Havana

sidade. Ou seja, Cuba tem o que precisamos e vice-versa”, contrapõe Massafera. “É um país privilegiado para estabelecermos parcerias.”

REMÉDIOS CUBANOS

Durante a viagem a Cuba, os brasileiros visitaram hospitais, laboratórios de institutos de pesquisa, fábricas, usinas de cana-de-açúcar e unidades da Universidade de Havana e da Universidade Central de Las Villas, na cidade de Santa Clara. O professor Francisco

Miguel Belda Neto, diretor da FCF, ficou especialmente impressionado com “a capacidade dos cubanos em fazer o entrosamento da academia com o setor produtivo, direcionando as pesquisas para as necessidades que são julgadas prementes”.

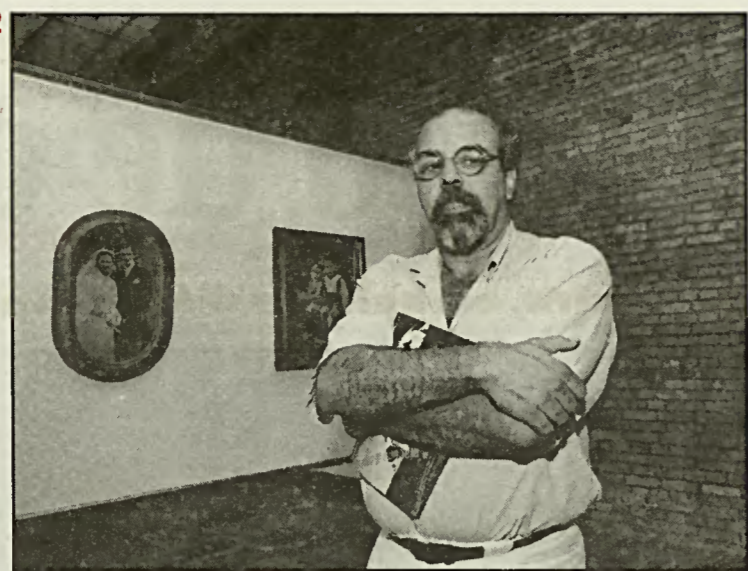
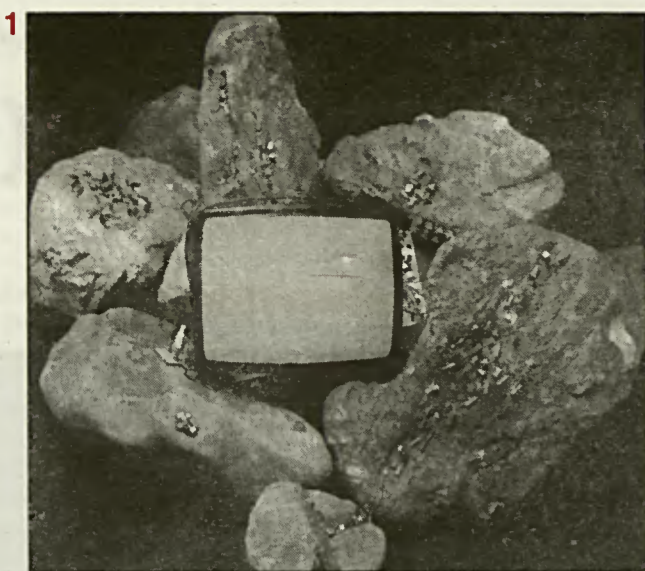
Nas visitas à Faculdade de Química e ao Instituto de Farmácia e Alimentos, os docentes da FCF trocaram informações sobre a organização da pesquisa e do ensino. Com o Instituto Finlay, foi assinada uma carta de intenções vi-

sando intercâmbio científico e elaboração de um projeto para implantação, na FCF, de um laboratório para executar o controle de qualidade de vacinas. “Os cubanos se desenvolveram bastante em vacinas e uma parceria nessa área seria muito boa para nós”, afirma Miguel Belda.

O que poderá resultar no saldo mais importante da visita, no entanto, é a carta de intenções que visa a construção, em Araraquara, de uma fábrica de medicamentos com base na transferência de tecnologia e de conhecimentos cubanos. “Eles têm o princípio ativo de vários medicamentos básicos e ainda poderemos desenvolver novos fármacos a partir de plantas”, prevê Belda. Os ministros da Ciência e Tecnologia e da Saúde de Cuba assinaram essa carta de intenções, juntamente com o diretor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas e do prefeito de Araraquara. “Vamos incluir a construção dessa fábrica entre as atividades da Fundação Pólo Tecnológico de Araraquara”, informa Roberto Massafera. “A Prefeitura vai se empenhar para viabilizar política e financeiramente o projeto, enquanto a UNESP cuidará dos aspectos científicos e tecnológicos.”

Além do diretor Miguel Belda, foram a Cuba os professores da FCF João Bosco Faria, Eliseu Antonio Rossi, Anselmo Gomes de Oliveira, Paulo Inácio da Costa, Maria Tereza Pepato, Rodolfo Tellaroli Júnior e Sandro Roberto Valentini. Integrou também a comitiva o professor Luís Roberto de Toledo Ramalho, da Faculdade de Odontologia, câmpus de Araraquara.





1 Energia, instalação do professor paulista (UNESP) Milton Sogabe
2 Monforte, o idealizador e coordenador do Studio: reflexão sobre o processo de aprendizagem
3 No segmento Mestre Livro, o trabalho de Bruno Munari, apresentado por dois de seus discípulos
4 A gravadora Maria Bonomi e um de seus trabalhos da série Percurso, Espaço Interperceptivo



Coca Frigério e Alberto Cerchi, especialistas em arte e educação que foram colaboradores de Bruno Munari. O setor destaca ainda um ateliê da Aber (Associação Brasileira de Encadernação e Restauro). Neste ateliê, aberto ao público, Mônica Schoenaker monta especialmente para o evento um livro com fac-símiles de capas de livros de Monteiro Lobato.

Quase tão essencial quanto o livro, para o aprendizado convencional, é o dever escolar. No setor *O Mestre e o Aluno*, Monforte passou uma "lição de casa" a seus colegas mestres: escolher trabalhos de alunos para serem expostos com os de sua própria autoria. Esta seção traz ao Brasil dois importantes convidados estrangeiros: Elaine O'Neil, diretora da maior escola de fotografia dos EUA, o Rochester Institute of Technology, de Nova York, e Alex Syndikas, professor do Royal Melbourne Institute of Technology, da Austrália.

Para além das relações entre professor e aluno, há um aprendizado mais atávico, tribal, familiar. A *Escola em Família* mostra como o fazer artístico se desenvolveu em várias gerações de uma mesma família. Peças de fôrmica de Geraldo de Barros ficam expostas ao lado de trabalhos de suas filhas, Lenora e Fabiana. Nelson, Betty e Jac Leimer também estarão representados. Outro tipo de relação pessoal em que o aprendizado pode se desenvolver é a amizade. *Colegas de Classe* reúne a arte da "turma dos fundos", que toda sala de aula tem. São fotógrafos e amigos unidos por uma consciência comum do meio fotográfico. A fotógrafa Ana Mariani, que há 20 anos trabalha com o semi-árido nordestino, expõe 14 fotos em sete diptícos (duas fotos na

O crescimento, ano a ano

O Studio Internacional de Tecnologias de Imagens teve início em 1989, quando Monforte foi convidado para montar uma sala especial no segundo andar da XX Bienal Internacional de São Paulo. Intitulado 1º Studio Internacional de Eletrografia, o evento expôs trabalhos de 24 artistas de oito países, sempre voltados para a arte eletrográfica, feita a partir de processos de reprodução. O destaque ficou com o norte-americano Charles Arnold, pioneiro na utilização da eletrografia como meio de expressão artística.

Na segunda edição, em 91, o evento tornou-se independente, passando dos 300 metros quadrados de sua sala na Bienal para os três mil metros quadrados do Sesc Pompéia. Os números começavam a atingir cifras impressionantes:

estavam representados, então, 50 artistas de dez países, com destaque para o americano de origem húngara Andrew Davidhazy e suas fotografias panorâmicas de 360 graus. Houve também 200 sessões de vídeo, destacando-se o trabalho do americano Bill Viola.

Em 93, o crescimento foi ainda maior. A participação de 120 artistas de dez países foi a mais eclética possível: da cerâmica de Célia Cymbalista aos vídeos de Marcelo Tass, passando por gravuras de Maria Bonomi, cadeiras de Carlos Motta e capas de livros de Moema Cavalcanti. Destaques internacionais: Javier Mariscal (o criador de *Cobi*, mascote dos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 92), as xilogravuras multicoloridas da sul-africana Philippa Hobbs e as manufaturas têxteis da suíça Heide Camargo.

tos paralelos, mas que ocorrem durante a realização do Studio, no Sesc Pompéia, incluem uma oficina de Jill Suzanne Gussow, mestre em artes do Rochester Institute, que vai apresentar a técnica do *clique-verre*, que Monforte define como "forma de fazer fotografia cultivada mesmo antes da existência da fotografia". Também estão agendadas atividades com as gravadoras Maria Bonomi e Lucila Machado Assumpção.

Além de Luis Guimarães Monforte e do Grupo de Percussão, a UNESP participa do evento com os professores e artistas plásticos Milton Sogabe e Branca de Oliveira, do Instituto de Artes, de São Paulo, e Olicio Pelosi, do campus de Bauru, além da projeção do vídeo *Unesp 20 Anos*. Peças gráficas do evento (cartaz, catálogo, convites) foram confeccionadas em conjunto por dez alunos do Instituto de Artes (que responderão ainda pela monitoria) e por dez alunos do Senai.

O 4º Studio UNESP/Sesc/Senai de Tecnologias de Imagens, inaugurado no dia 11 de abril, tem entrada franca e permanece aberto à visitação pública até o próximo dia 26 de maio, na Área de Convivência do SESC Pompéia, à rua Clélia, 93, em São Paulo, de terça a domingo, entre 10h e 20h. Outras informações, pelo telefone (011) 864-8544.

UMA SALA DE AULA DO TAMANHO DO MUNDO

O 4º Studio UNESP/Sesc/Senai de Tecnologias de Imagens elege como tema *Escola — O Ritual da Luz* e propõe uma reflexão sobre as muitas feições do aprendizado. À frente desta verdadeira aula magna, 130 mestres de 14 países

IRINEU FRANCO PERPÉTUO

É imperioso que se acompanhem os avanços da terceira onda, vaticinam os taumaturgos da modernidade. E nos asseveram que a receita é simples: com um punhado de privatizações, abertura ao capital estrangeiro e maciços investimentos em educação, nosso passaporte para o paraíso consumista do Primeiro Mundo estaria assegurado. Não seria mais necessário educar para formar cidadãos, como nos vinham ensinando desde, digamos, 1789 — a Revolução Francesa. O toque de Midas do neoliberalismo tinge tudo com o verde dos dólares. É imperativo investir bilhões em educação para obter, como retorno, bilhões em PIB. Uma simples questão de cifras.

Para além da frieza opaca dos números, o 4º Studio UNESP/Sesc/Senai de Tecnologias de Imagens aborda a educação pela mais humana das perspectivas. Partindo da experiência pessoal de seu idealizador, curador e coordenador geral, o artista e professor Luiz Guimarães Monforte, o evento escolhe, pela primeira vez em sua história, um tema: *Escola — O Ritual da Luz*. O Sesc Pompéia abriga, desde o dia 11 de abril último e até 30 de maio, trabalhos de 130 artistas de 14 países. Como nas três edições anteriores, a melhor síntese para este 4º Studio continua sendo o caleidoscópio: abrangendo uma vasta gama de formas de expressão artística, ele abarca desde a fotografia, objetos têxteis e a fotocópia, até a cerâmica, vídeo, computação gráfica, design gráfico e design de objetos.

Longe de passar uma visão fechada sobre a escola, a escolha do tema visa provocar no visitante um questionamento acerca do aprendizado. "O espectador terá a chance de refletir a respeito das diversas feições que um processo de aprendizado pode ter", explica Monforte. Se escola é o tema, não poderia deixar de haver uma homenagem à Universidade como instituição. O 4º Studio celebra os 20 anos da UNESP, bem como os 50 anos de existência do Sesc (Serviço Social do Comércio) e do Senai (Serviço Nacional da Indústria).

Ao todo, os três mil metros quadrados do Sesc Pompéia

abrigam nove segmentos: *A Escola do Século*, *O Mestre e o Aluno*, *A Escola em Família*, *A Nova Escola*, *Escola da Vida*, *Mestre Livro*, *Colegas de Classe*, *Telescola* e *Fazer Escola: Aula do Mestre*. *A Escola do Século* homenageia a Bauhaus, fundada na Alemanha, em 1919, pelo arquiteto Walter Gropius, e constringida a fechar em 1933, pelo regime nazista. "Até hoje o mundo sofre influências da Bauhaus, principalmente no design e na arquitetura", assegura Monforte. Chegam da Alemanha dez padrões têxteis da década de 20. "Escolhemos estes padrões por se tratar de uma área pouco divulgada da Bauhaus", diz o coordenador.

"HISTÓRIA VIVA"

Falar de escola não é só falar de instituição de ensino. No segmento *Fazer Escola: Aula do Mestre*, por exemplo, o conceito de mestre não está necessariamente ligado à atividade acadêmica. Dele faz parte o principal artista internacional representado no evento, o designer italiano Bruno Munari, classificado por Monforte como "uma história viva da arte". Munari terá apresentado seu trabalho gráfico da década de 30 em diante, como livros, cartazes e objetos. Entre as peças raras a serem exibidas, destaque para a gravura original *Prova de Artista*, de 1935. A seção destaca também o belga Pierre Cordier, conhecido por suas fotos feitas sem máquina fotográfica nem ampliador, a partir de processos químicos. *Fazer Escola: Aula do Mestre* traz ainda o artista brasileiro Wesley Duke Lee, com sua *Cartografia Antímica* (1979): 48 pranchas colocadas numa única parede, formando o que Duke Lee define como "um mapa geral do estado psíquico da contemporaneidade". Lançando mão da técnica da frotagem (em que o material a ser impresso recebe pressão de uma colher ou objeto análogo após ter sido mergulhado em um solvente forte de petróleo), o artista reimprimiu material de revistas e jornais, procurando antecipar os fatos da década de 80. "Muita coisa que eu previ neste trabalho acabou acontecendo, como a guerra religiosa na

Bósnia", afirma.

A discussão do aprendizado passa, também, pelas inovações tecnológicas. Se o 1º Studio causou furor, em 1989, com o então pouco difundido fax, esta quarta versão do evento entra na era do CD-ROM. A francesa radicada no Canadá Monique Brunet-Weinmann ministra palestra sobre o *making of de Copigraphy: Elements for a global history*, CD-ROM que a Secretaria para a Preservação do Presente, do Canadá, está editando sobre a arte copiográfica e que funciona como um inventário de tudo o que foi feito desde o aparecimento da fotografia. O CD-ROM faz parte do segmento *Telescola*, que traz ainda as hologramas de Setsuko Ishii (Japão) e Philippe Boissonet (Canadá), bem como uma programação especial de vídeo e cinema do *Forum-BHZ Vídeo*, de Belo Horizonte, que vai dos primórdios do cinema, com os irmãos Lumière, até as produções mais recentes de Bill Viola. Todo este sofisticado fazer artístico tem uma dívida para com o fazer rudimentar exposto no segmento *Escola da Vida*. Dedicada à arte de quem nunca frequentou escola tradicional, a seção expõe uma coleção de rendas de bilros (pinturas de madeira) para mostrar como o nascimento do computador pode estar ligado a procedimentos dos mais rudimentares. "A renda é feita em cima de uma almofada, a partir de um cartão perfurado, que funcionaria como *hardware*, com alfinetes que fazem correr uma linha, à qual está preso o bilro", explica Monforte. O segmento traz ainda 200 matrizes de xilogravuras originais de literatura de cordel pertencentes a Giuseppe Baccaro, diretor da Fundação para a Criança, de Olinda.

"LIÇÃO DE CASA"

As principais presenças estrangeiras do 4º Studio devem se concentrar no segmento *Mestre Livro*, dedicado à exposição de livros dos artistas convidados. Dos EUA, vêm Keith Smith e Scott McCartney, que farão uma demonstração sobre encadernação de livros, enquanto da Itália devem vir



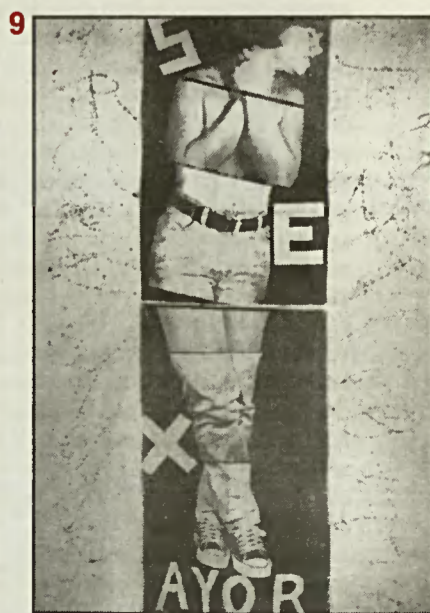
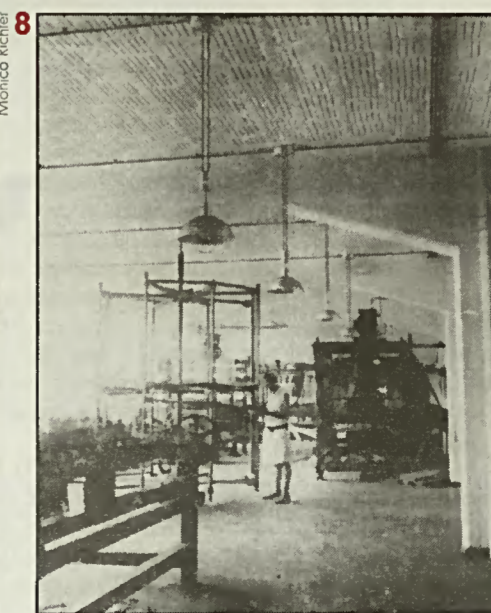
5 Fotografia da norte-americana Elaine E. O'Neil, diretora da School of Photography, de Rochester: Notes from birth to ten

6 Marcelo Lerner mostra Imagens, impressão sobre platina e paladium

7 Alexander Syndikas, egípcio radicado na Austrália, à frente do triptico Anthropograms

8 Vista do ateliê têxtil da Bauhaus, em 1926, mostrado no segmento Escola do Século

9 A norte-americana Tonija Groton, aluna selecionada por Jill Gussow: At our own risk





ALFABETIZAÇÃO
Clesiene: aperfeiçoamento em Presidente Prudente e atuação no Pontal do Paranapanema

Os despossuídos da terra

Com atuação destacada em áreas como agronomia, veterinária, geografia e, principalmente, a educação, a UNESP marca presença na questão fundiária em todo o Estado de São Paulo

WALTAIR MARTÃO

A escola do assentamento rural Santa Clara, no município de Sandovalina, extremo Oeste do Estado, tem apenas duas salas de aula. As carteiras são antigas, do tempo em que o assento se acoplava ao móvel do colega de trás. Ali, 70 crianças, divididas em duas turmas, cursam os quatro anos do primário. Na casa, há ainda um pequeno banheiro e uma cozinha, onde Neusa Souza Degasperi, 33 anos, costuma preparar a merenda. Casada, mãe de dois filhos, Neusa divide os afazeres domésticos com a responsabilidade de cuidar dos assuntos de interesse da comunidade, principalmente a educação. "Muitos pais dessas crianças são analfabetos, e não podemos deixá-las desassistidas", diz. Apesar das limitações que enfrenta, Neusa não idealiza para o assentamento um modelo de escola de cidade grande. "A educação de nossos filhos deve se adequar à realidade do campo, para que eles continuem aqui, melhorando e valorizando o que seus pais conquistaram com sacrifício", acentua. A improvisada educadora fala com autoridade. Afinal, há cinco anos lutou, com outras 150 famílias, por um pedaço de terra. Hoje, vê a comunidade se fortalecendo, vivendo em casas com luz e água encanada e tratando do campo com equipamentos adquiridos com esforço próprio.

Presente em todas as regiões do Interior do Estado e contando com um respeitável corpo docente em áreas como Agronomia, Veterinária e Educação, a UNESP tem

marcado presença também na questão fundiária. Monopolizando a atenção de professores e alunos para esse trabalho, satisfaz plenamente suas próprias atividades-fins, ou seja, o ensino, a pesquisa e a extensão — além de, indiretamente, concretizar sonhos como o de Neusa. A escola em Santa Clara pode ser tomada como exemplo da atuação da Universidade nos assentamentos rurais. Suas professoras, Antonia Cesário de Souza e Clesiene Alves de Moraes, pertencem à rede oficial de ensino e são participantes assíduas dos cursos de aperfeiçoamento organizados pela Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT) do câmpus de Presidente Prudente, na região do Pontal do Paranapanema. Abordando diversas disciplinas, como Português, Matemática, Geografia e História, esses cursos têm a missão de capacitar e reciclar os professores, além de orientá-los a ministrar suas aulas respeitando as características de um assentamento rural. "A própria linguagem que usamos para conversar com as crianças precisa ser adaptada a essa realidade", comenta a professora Antonia. "Do contrário, a comunicação não se completa e a aprendizagem fica prejudicada."

PROJETO PREMIADO

Esse trabalho da FCT começou em 1992, a partir de um convênio com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Delegacia de Ensino da cidade de Mirante do Paranapanema e faz parte de um amplo programa que procura melhorar a qualidade das escolas

públicas nas áreas de assentamentos rurais do Brasil. No Estado de São Paulo, onde existem cinco mil famílias vivendo em 46 assentamentos, esse projeto, premiado no final de 1995 pela Unicef e pelo banco Itaú, tem a participação da UNESP. "Os conflitos sociais e a vivência no campo fazem com que as necessidades das crianças de um assentamento e as de garotos da cidade sejam diferentes", explica o geógrafo Bernardo Mançano Fernandes, do Departamento de Geografia da FCT. "E nós precisamos estar atentos a isso."

Mesmo quando a sobrevivência diária está em jogo, a educação dos filhos não deve ficar em segundo plano. Um bom exemplo deste raciocínio, pregado pelo MST, vem de um canteiro de obras desativado da Usina Hidroelétrica de Taquaruçu, da Cesp, também em Sandovalina. Lá, desde julho de 1995, 500 famílias estão acampadas em barracos de madeira e plástico, à beira da estrada, à espera de uma definição das autoridades estaduais sobre a ocupação. Mesmo assim, um dos galpões da CESP, que pediu reintegração de posse, está sendo usado como escola primária para 50 crianças. "Apesar do litígio, conseguimos autorização para usar o prédio como sala de aula", conta Dirceu Alves, integrante da Coordenação Estadual do MST.

A região de Presidente Prudente, onde se localiza o Pontal do Paranapanema, tem sido palco de disputas de terras há um século (veja texto à pág. 11). Embora esse fato sempre tenha motivado pesquisadores da FCT a

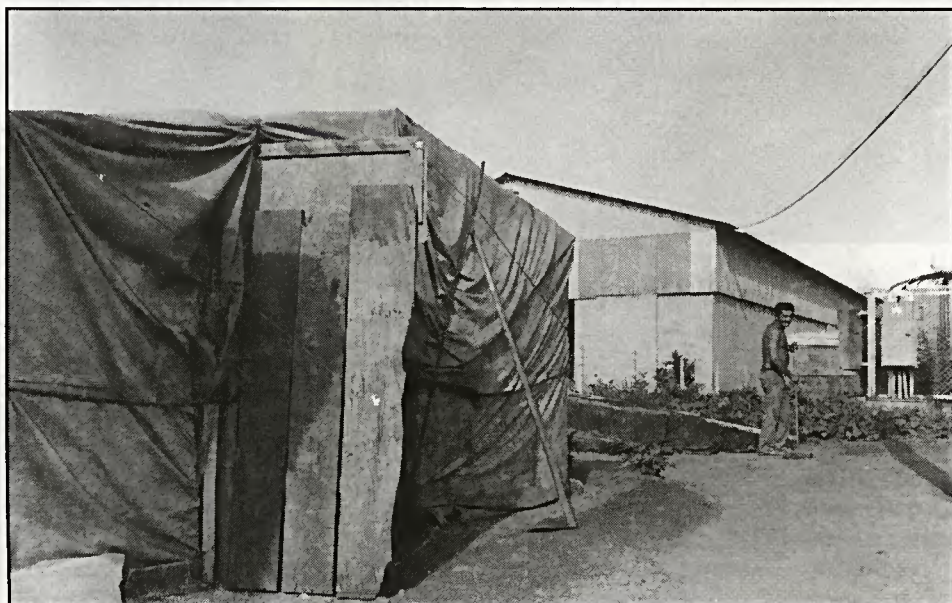


estudar a questão, foi a partir de 1987 que a faculdade passou a ter um envolvimento maior com o assunto. Naquela época, uma pesquisa coordenada pelas professoras Vera Lúcia Ferrante Botta, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do câmpus de Araraquara, e Sonia Pessoa Bergamasco, aposentada da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) do câmpus de Botucatu, mobilizou pesquisadores de todas as unidades para um estudo inédito sobre o modo de vida, a organização, a condição social e outros temas relativos aos assentamentos do Estado. "Constatamos as carências da população e passamos a realizar diversos trabalhos sobre o assunto", lembra Fátima Rotundo da Silveira, chefe do Departamento de Geografia e coordenadora do projeto dos assentamentos da FCT. "Temas como organização de produção, cooperativismo, mecanização, constituição, condições de saúde e educação nos assentamentos começaram a entrar na pauta de trabalhos de professores e de estudantes", acrescenta o geógrafo Armando Perin Antonio.

Além dos cursos de aperfeiçoamento, a FCT participa do dia-a-dia dos assentamentos de sua região, mesmo não tendo em seu quadro professores especializados em temas agropecuários. Avaliação de impacto ambiental, censos demográficos e mapeamentos aéreos são trabalhos que têm servido de canal para reivindicações dos sem-terra. "Temos acesso ao governador, mas nos faltam informações para apresentarmos nossas reivindicações", afirma Dirceu Alves. "É este respaldo técnico que esperamos da Universidade". Em 1995, Mançano Fernandes coordenou uma equipe que elaborou *A Geografia dos Assentamentos Rurais do Brasil*, um atlas comentado com a localização dos assentamentos do País (veja detalhe do mapa na pág. 12). "Estamos atualizando o mapa e em breve lançaremos

uma segunda edição", planeja ele.

Mas nem só da ação de professores sobrevive a atuação da UNESP entre os sem-terra. Muitos alunos cerram fileiras com os docentes, de olho numa solução para o problema. Entre eles está Fernando Xavier dos Santos, 24 anos. Bacharelado em Geografia pela FCT, Fernando está pesquisando, para sua tese de mestrado, a organização social de um reassentamento localizado na



LITÍGIO
Usina de Taquaruçu, em Sandovalina: 500 famílias acampadas

Fazenda Laranjeiras, também em Sandovalina. "O reassentado é um indivíduo deslocado de sua terra, desapropriada pelo governo, para um outro local", explica o aluno. "Ele tem que se adaptar a uma nova moradia, e isso envolve mudanças radicais de costumes." Sobre a importância deste trabalho para seu futuro profissional, Fernando não tem dúvida de que encontrou um grande campo de atuação: "Há uma ampla população rural desamparada, que precisa de apoio educacional e técnico para progredir".

GRUPOS DE TRABALHO

Conscientes da importância de conhecer a realidade dos assentamentos, a participação dos estudantes nesta questão tem sido notável. Além de trabalhos individuais, como o de Fernando, existem hoje na UNESP grupos de alunos envolvidos com o assunto. Essa forma de atuação pode ser constatada, por exemplo, no Estágio de Vivência Interdisciplinar em Assentamentos Rurais, idealizado em 1989 pela Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB). Realizado em assentamentos rurais de vários estados, objetiva aproximar o universitário à realidade de um assentamento rural, estimular o senso crítico nos participantes com relação à sua formação profissional e incentivar a visão global daquela realidade pela convivência interdisciplinar dos estagiários. "Do estágio, participam estudantes de diferentes áreas, como Medicina, Direito ou Engenharia", enumera o agrônomo Elias José Simon, do Departamento de Economia e Sociologia Rural da FCA, em Botucatu. Em São Paulo, o primeiro estágio aconteceu em janeiro de 1995. Um grupo de alunos de Agronomia da FCA coordenou os trabalhos, realizados na Fazenda Pirituba, onde vivem cerca de 350 famílias, no município de Itapeva (250 km de Botucatu). Neste ano, estiveram presentes 26 estudantes de 12 universidades do País.

Este estágio é realizado em três fases. Na primeira, os alunos assistem palestras sobre reforma agrária, cooperativismo, intervencionismo e extensão rural. Na fase de vivência, passam duas semanas morando com famílias assentadas, sem interferir nos hábitos locais. "Observamos como é a vida dessas famílias, as relações sociais de trabalho, o emprego de tecnologia, a infra-estrutura do local e o nível e o tipo de formação técnica e cultural das pessoas", conta Edegar de Oliveira Rosa, 22 anos, quartanista do curso de Agronomia da FCA. "Aprendemos a

Décadas de conflitos e imobilismo

Dos "núcleos" de Vargas às prisões de Rainha e Diolinda

PASSEATA
Marcha pela Reforma Agrária, em São Paulo



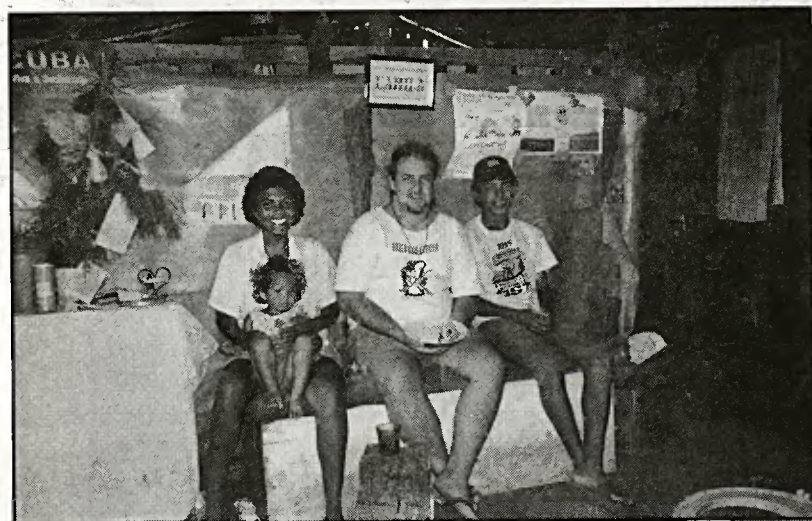
Políticas fundiárias para atender trabalhadores rurais sem terra são um assunto antigo. Sonia Pessoa Bergamasco, ex-professora da FCA de Botucatu, hoje na Unicanp, e Luiz Cabello Norder, pesquisador da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA), que em breve lançará o livro *O Que São Assentamentos Rurais*, pela Editora Brasiliense, lembram que, na década de 30, o presidente Getúlio Vargas criou os chamados "núcleos coloniais", em vários pontos do País. Entre 1958 e 1964, movimentos sociais no campo estimularam a formulação de políticas agrárias. Em Pernambuco, por exemplo, as "ligas camponesas" obtiveram acordos eleitoreiros com setores urbanos para assegurar terra aos camponeses. No Rio Grande do Sul, o governador Leouel Brizola assentou 100 mil camponeses, após desapropriar fazendas e indeuzar seus proprietários.

Com o golpe de 1964, os movimentos agrários foram sufocados. O Governo Federal substituiu a reforma agrária por projetos de colonização e deixou de lado as discussões sobre concentração de terra. A questão fundiária passou então a ter dois direciona-

mentos: fornecer pequenas glebas para trabalhadores sem terra e estimular projetos de grandes empresas. Nessa época, muitas usinas hidrelétricas foram construídas, desconsiderando-se seu impacto nas comunidades alagadas, o que gerou conflitos com pequenos posseiros pioneiros e com populações indígenas. Entre 1970 e 1984, 160 mil famílias participaram de projetos federais de colonização.

Na década de 80, o sindicalismo rural se fortaleceu e a luta pela reforma agrária recrudesciu. O MST se estruturou e se difundiu. Terras griladas — tomadas irregularmente por fazendeiros — e públicas, como as do Pontal do Paranapanema, voltaram a ser ocupadas. O desinteresse político, a falta de recursos administrativos e a burocracia emperraram o processo de reforma agrária. Em 1985, a questão passou para a esfera federal. O presidente José Sarney lançou o Plano Nacional de Reforma Agrária, prometendo assentar 1,4 milhão de famílias até 1989, mas cumpriu apenas 5% da promessa — 82 mil famílias. Fernando Collor e Itamar Franco pouco fizeram pela questão e enfraqueceram o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

Fernando Henrique Cardoso, ao assumir o Governo, em 1995, prometeu assentar 280 mil famílias até o final do mandato. Encerrado aquele ano, contabilizara 6 mil famílias, segundo dados do Iucra, ao contrário das 43 mil anunciadas pelo Ministério da Agricultura. Nos últimos meses, os conflitos se multiplicaram. Durante a ocupação de uma fazenda em Rondônia, em julho de 1995, alguns posseiros foram assassinados. No Pontal do Paranapanema, centenas de famílias ocuparam terras públicas e "particulares". A perseguição e prisão de representantes do MST, como José Rainha Júnior e Diolinda Alves de Souza, elevou ainda mais a temperatura das negociações. A lentidão e a falta de recursos do Governo do Estado, somadas ao forte lobby de fazendeiros, têm emperrado o processo de novos assentamentos. Numa tentativa de mobilizar a opinião pública, o MST organizou, no último dia 10 de abril, passeatas que reuniram trabalhadores sem-terra nas principais cidades brasileiras. Em São Paulo, por exemplo, a iniciativa, chamada Marcha pela Reforma Agrária, mobilizou cerca de mil manifestantes.



ESTÁGIO
Edegar, na Fazenda Pirituba, em Itapeva: cursos de interesse da comunidade



EXTENSÃO
Alunos do câmpus de Botucatu: assistência técnica e sócio-econômica

ordenhar, a lavrar a terra, a plantar, enfim, a ser também um trabalhador rural." De volta à faculdade, eles falam sobre o histórico, a forma de organização e a vida social do assentamento e discutem a viabilidade de uma atuação direta ou indireta em um assentamento.

Considerado produtivo por estudantes e docentes, o estágio estimulou a criação, na FCA de Botucatu, de um grupo de extensão com atuação mais intensa na Fazenda Pirituba. Quinzenalmente, durante todo o ano, um grupo de quatro ou cinco alunos passa um final de semana na fazenda, desenvolvendo cursos de extensão universitária, assistência técnica e sócio-econômica, articulando-se com os técnicos agrícolas presentes no local e colocando em discussão os principais problemas vivenciados. "É um aprofundamento da proposta do estágio, com maior interação do estagiário com os trabalhadores e técnicos do assentamento", define Simon. "Dialogamos com os trabalhadores e promovemos cursos que sejam de interesse da comunidade", revela Edegar.

CURSOS DE CAPACITAÇÃO

Desde o dia 4 de março último, a relação entre a Universidade e os assentamentos rurais tornou-se ainda mais estreita. Nesta data, começaram oficialmente os cursos de capacitação para trabalhadores assentados, concebidos para dar a eles o aprimoramento de seus conhecimentos ligados à terra. A iniciativa faz parte de um dos itens do convênio assinado em julho de 1995 entre a UNESP, por intermédio da Fundunesp, a Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania e o Instituto de Terras do Estado de São Paulo, Itesp. "Docentes da UNESP, pertencentes a unidades especializadas em assuntos como Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia, estão ministrando o curso, que acontece em todas as cidades paulistas onde há assentamentos rurais", conta a cientista social Maria do Carmo Pichinin, assistente de supervisão do Departamento de Programas de Extensão Universitária e Prestação de Serviços da Fundunesp. "Muitos assentamentos são formados por assalariados expulsos das cidades pela crise econômica, e

poucas pessoas desses grupos conhecem o trabalho no campo", justifica Maria do Carmo.

Serão, no total, 115 cursos de 16 horas, com 32 temas, que abrangerão todos os assentamentos do Estado, envolvendo 11 municípios. Calcula-se que 2.800 famílias serão beneficiadas com o programa. Além delas, deverão participar cerca de 70 técnicos, entre engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas, engenheiros florestais, veterinários e zootecnistas do Itesp, que passarão por uma verdadeira reciclagem profissional. "Colocamos à disposição de uma comunidade rural específica o que temos de melhor em nosso corpo docente", afirma Amilton Ferreira, presidente da Fundunesp. O zootecnista Olair José Isepon, do Departamento de Zootecnia da Faculdade de Engenharia (FE) do câmpus de Ilha Solteira, é um desses especialistas, responsável pelo primeiro curso do programa — "Produção de alimentos volumosos" —, entre os dias 4 e 5 de março, na cidade de Porto Primavera, no Pontal do Paranapanema. "Ensinar a 25 trabalhadores como eles podem, por exemplo, produzir ração o ano inteiro, mesmo no inverno, e o interesse demonstrado foi muito grande", explica Isepon. "Existe, na verdade, uma troca de experiências, onde nós, professores, podemos aprender técnicas alternativas desenvolvidas pelos agricultores."

O veterinário Enoch de Oliveira Filho, do Departamento de Reprodução Animal da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus de Jaboticabal, ministrou o curso "Manejo Reprodutivo", em Teodoro Sampaio, também no Pontal, entre 5 e 6 de março. Em sua opinião, sair da Universidade e divulgar conhecimento científico é a função de todo pesquisador. "Foi um dos grandes momentos da minha carreira, de quase 40 anos", avalia o pesquisador. "A receptividade dos alunos, muitos deles analfabetos, mas de raciocínio ágil, foi emocionante." Enoch continua: "É um modo de colocarmos à prova nossa capacidade de ensinar, pois é preciso transmitir dados altamente técnicos usando uma linguagem compreensível a quem teve poucas oportunidades de sentar-se em um

banco escolar". Para Amauri Daros, diretor do Centro de Capacitação Técnico-Agrária do Itesp, o convênio viabiliza um antigo projeto, o de permitir uma participação sistemática da universidade na questão fundiária. "É a socialização dos conhecimentos mais atualizados e dos modos de manejo de culturas."

ESTUDO ECONÔMICO

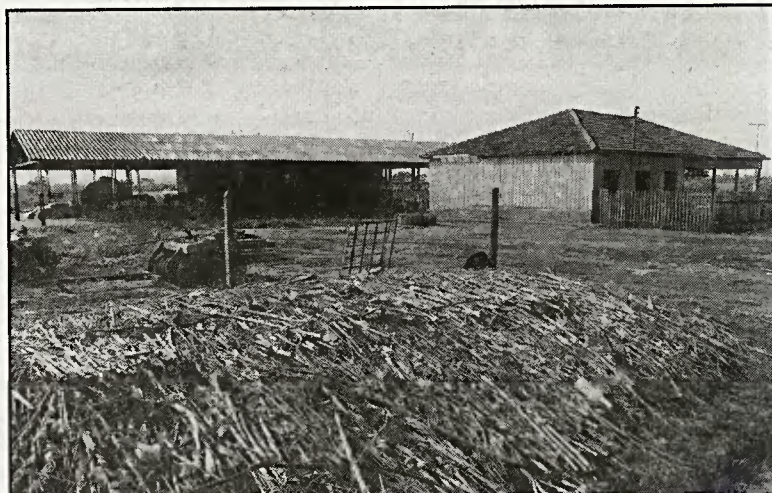
Este convênio abriga um outro importante projeto. Já está sendo feita uma avaliação do custo operacional das atividades principais no assentamento, avaliando-se também o quanto cada família custa para o Estado — afinal, é ele quem custeia os gastos de um assentamento até que ele se estruture. "A pesquisa servirá para criarmos um parâmetro, inédito, que possibilite a liberação de créditos para os assentados e até mesmo saber quando é possível emancipar um assentamento", diz o engenheiro agrônomo Antonio Carlos Manduca Ferreira, do Departamento de Economia Rural da FCAV. "Todos os dados estudados poderão ser utilizados para pesquisas com assentamentos rurais, por professores e por estudantes", acrescenta.

Foram escolhidos para a pesquisa assentamentos de quatro cidades: Porto Feliz, Teodoro Sampaio, Promissão e Araraquara. No estudo, serão abordadas características sócio-econômicas, relação com a agricultura, tecnologia empregada, proximidade ou isolamento dos centros consumidores e de comércio. Além de Manduca Ferreira, trabalham neste projeto as professoras Maria Inez Espagnoli Martins e Maria Madalena Zocoller Borba, e mais seis bolsistas do curso de Agronomia da FCAV. Os resultados da pesquisa serão apresentados em julho deste ano, época, por sinal, marcada para o encerramento do convênio. Se depender da vontade dos envolvidos, porém, ele será renovado imediatamente. Afinal, o próprio Governador Mário Covas, durante o seminário Assentamentos: Desenvolvimento para Emancipação, realizado entre 11 e 15 de março último, em Ibitinga, reconheceu que a UNESP, participando de empreendimentos como esse, está tendo uma atuação importante no desenvolvimento agrário e fundiário no Estado.

DISTRIBUIÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NO PAÍS

Estado	nº de unidades
Acre	13
Alagoas	11
Amazonas	10
Bahia	75
Ceará	147
Espírito Santo	34
Goiás	38
Maranhão	60
Mato Grosso	50
Mato Grosso do Sul	31
Minas Gerais	24
Pará	57
Paraíba	38
Paraná	139
Pernambuco	54
Piauí	30
Ria de Janeiro	18
Rio Grande do Norte	47
Rio Grande da Sul	96
Rondônia	32
Santa Catarina	64
São Paulo	46
Sergipe	19
Tocantins	57
Total	1.190

Fonte: A Geografia dos Assentamentos Rurais do Brasil/1995



OCUPAÇÃO
Fazenda Santa Clara: escola primária para 50 crianças

ESFORÇO
Neusa, de Santa Clara: tarefas domésticas e cuidados com a educação de 70 crianças



Fotos Helcio Toth

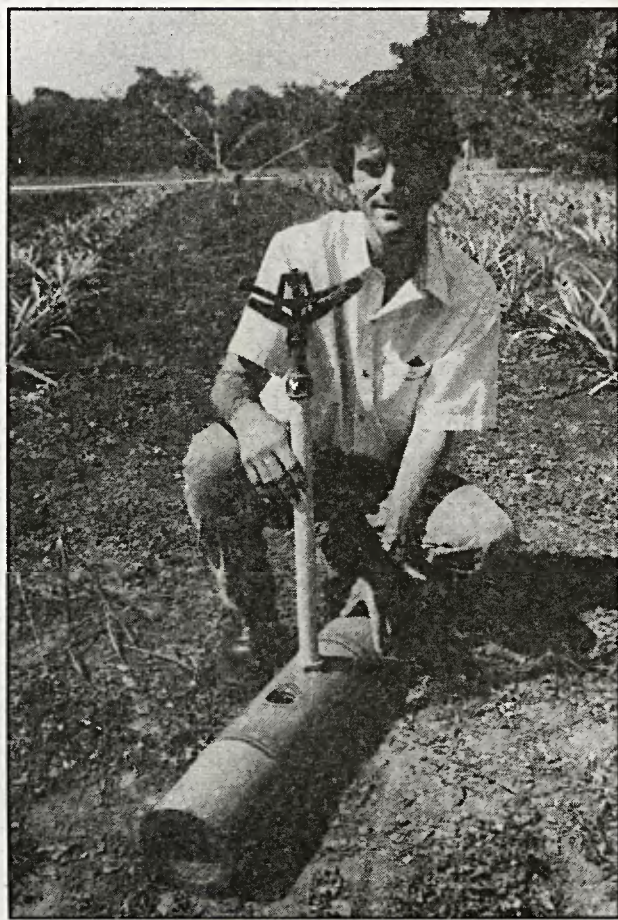
AGRONOMIA

Quatro mil e uma utilidades

Pesquisador descobre nova serventia para o bambu: irrigação de lavouras

No Brasil, seu uso costuma ser restrito ao artesanato e à culinária. Fora do País, no entanto, o bambu, de origem asiática e típico de regiões tropicais, é considerado a planta das "mil e uma utilidades". Na China, por exemplo, se presta a mais de quatro mil empregos. É popular na fabricação de utensílios domésticos e até na confecção de papel. Na Colômbia, é largamente usada na construção de casas. "É uma matéria-prima abençoada", elogia o engenheiro agrícola Marco Antônio dos Reis Pereira, da Faculdade de Engenharia e Tecnologia do câmpus de Bauru, que descobriu uma nova serventia para a gramínea.

Há quatro anos, numa dissertação de mestrado, Pereira desenvolveu um sistema de irrigação que substitui os tubos de PVC, normalmente utilizados pelos agricultores, por caules de bambu. "Em nível mundial, o bambu é empregado na fabricação de canaletas para o transporte de água, mas não em sistemas de irrigação", diz. De acordo com o engenheiro, o novo método é uma alternativa barata e eficiente para o pequeno agricultor. "O bambu, que vive entre 80 e 120 anos, é auto-renovável, de crescimento rápido e de uma resistência à tração semelhante à do aço", diz.



ALTERNATIVA
Pereira e o "irrigador": cresce rápido, vive 100 anos e é tão resistente quanto o aço

interessados em informações sobre o novo método e na aquisição de mudas de bambu. "O método é extremamente vantajoso para os pequenos agricultores, que podem cultivar a planta até no quintal de suas casas."

A técnica, ensina o agrônomo, consiste em cortar o bambu em tubos de quatro a seis metros de comprimento. A espécie utilizada pelo professor foi o *dendrocalamus giganteus*, que tem cem milímetros de diâmetro e é comum na região. Em seguida, retiram-se os nós internos e perfura-se o tubo para a colocação de uma haste de plástico. Na ponta desta haste é acoplado um aspersor de água. As emendas entre os tubos

Há pouco, o pesquisador ganhou notoriedade nacional. Seu trabalho foi exibido no programa *Globo Rural*, veiculado pela TV Globo, e obteve grande repercussão. "Depois dessa divulgação, não tive mais sossego", brinca. Pereira recebeu mais de 2.000 cartas de produtores rurais de todo o Brasil,

os quais são feitas com câmaras velhas de ar de pneu de automóvel. Terminado esse processo, os bambus são enterrados no solo a uma profundidade de 20 a 30 centímetros. "Se ficarem expostos ao sol, racham", diz. Normalmente, a planta não tratada dura dois anos sob o solo. "Com tratamento químico, à

base de cobre, cromo e boro, pode resistir por dez anos."

O agricultor Luiz Baptista de Oliveira, de 53 anos, de Itapinas, a 50 quilômetros de Bauru, decidiu adotar o sistema em sua chácara de dois hectares. E está bem satisfeito. "Enquanto um tubo de PVC de seis metros custa R\$ 14,00, eu consigo bambu de graça", diz. "Nos sítios dos meus vizinhos, a planta cresce igual mato."

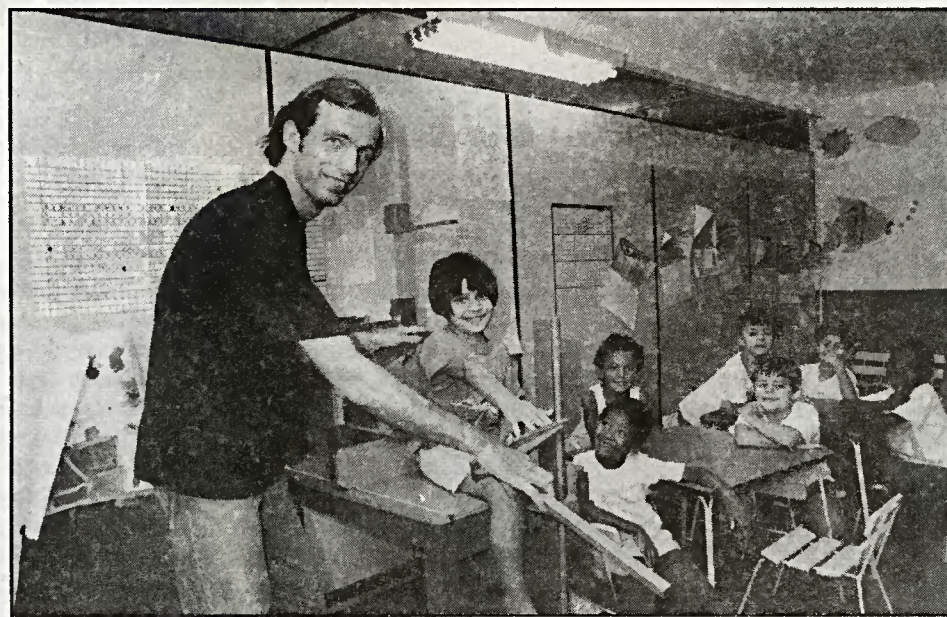
LUSTRES DE BAMBU

De acordo com Pereira, existem 80 espécies de bambu no Brasil, mas apenas 18 são exploradas comercialmente. Recentemente, ele obteve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) para desenvolver um projeto para a reprodução *in vitro* de 18 espécies de bambu, a maioria tipo "gigante", ideais para a irrigação. Num pequeno viveiro existente no câmpus, ele já tem oito espécies cultivadas, originárias da Indonésia e da Colômbia. "A idéia do projeto é distribuir as mudas aos interessados", explica. Pereira afirma que a planta se reproduz facilmente. "É só retirar o galho de um nó e enterrá-lo numa área adubada", diz. Com apenas seis meses de idade, o bambu pode atingir até a altura de 30 metros. Pereira alerta, no entanto, que, para a irrigação, devem ser colhidos caules — ou colmos — de no mínimo dois anos de idade. "As paredes estão mais grossas e suportam melhor a pressão da água". Atualmente, o pesquisador desenvolve um novo produto, o compensado de bambu, que substitui pisos e revestimentos de parede, normalmente confeccionados com madeira, produto mais caro. O protótipo deste novo produto está pronto: uma casa, em sua chácara, construída totalmente com bambu, das paredes aos lustres.

Tânia Belickas

Já não bastassem os problemas diretamente ligados à educação, a situação das crianças brasileiras em idade pré-escolar também é literalmente desconfortável no que diz respeito ao mobiliário utilizado nas classes. Durante anos, utilizam bancos, carteiras e cadeiras inadequados ao seu tamanho, que varia bastante entre os três e os sete anos de idade. As consequências dessa inadequação, a médio prazo, são preocupantes e podem resultar desde uma má postura até graves problemas ortopédicos. Para corrigir esses problemas, Luiz Carlos Paschoarelli, pós-graduando em Desenho Industrial da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) do câmpus de Bauru, está pesquisando um novo modelo de mobiliário escolar, adaptável às diferentes faixas etárias. Para viabilizar o projeto, Paschoarelli empreendeu uma ampla pesquisa visando descobrir as dimensões corporais das crianças brasileiras, já que, segundo afirma, estudos desse gênero são raros no País. "Na literatura médica brasileira encontram-se, quando muito, apenas registros de altura e peso das crianças para acompanhamento clínico", diz.

Os pressupostos básicos para o desenvolvimento de um produto, segundo Paschoarelli, são o conhecimento das medidas de cada pessoa, processo denominado antropometria, e a sua relação com o ambiente de trabalho, a ergonomia. Nos últimos quatro anos, o pesquisador e o professor José Carlos Plácido da Silva, orientador do trabalho, vêm desenvolvendo uma metodologia para obter dados antropométricos representativos da população infantil do Estado. Em 1992 realizaram um levantamento preliminar com 52 alunos da pré-escola de Bauru. Na época, foram consideradas apenas dez variáveis. Com a proposta de estabelecer um padrão antropométrico infantil, o pesquisador realizou no ano passado um estudo mais abrangente, utilizando 25 variáveis com 239 crianças, entre três e sete anos de idade, de cinco escolas municipais da cidade. "Esse trabalho é da maior impor-



Paschoarelli: dados antropométricos da população infantil do Estado

DESIGN

Como uma luva para a pré-escola

Alarmado com o alto índice de problemas de postura na pré-escola, desenhista elabora mobiliário escolar que "cresce" com as crianças

tância, já que a indústria nacional utiliza as tabelas antropométricas dos países europeus", ressalta Paschoarelli, que é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp).

DIFERENÇAS DE TAMANHO

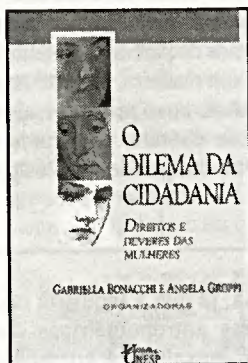
Entre abril e junho do ano passado, o desenhista percorreu as escolas para a coleta de dados antropométricos. Os equipamentos utilizados foram um antropômetro, espécie de "régua gigante" que calcula a distância entre as articulações, uma cadeira antropométrica, desenvolvida por alunos do curso de Desenho Industrial da FAAC, e uma balança de precisão. Os números foram processados em forma de tabelas, contendo informações básicas para a elaboração do projeto de carteiras escolares, levando em conta as exigências ergonômicas de cada faixa etária. Os resultados surpreenderam Paschoarelli. "Ficou comprovado que existem diferenças significativas de dimensões corporais entre crianças da mesma faixa etária", diz. Na variável estatura, por exemplo, o desenhista constatou que a menor das crianças pesquisadas tinha 94 centímetros e a maior, 131,5 centímetros. "Dependendo do porte da criança, o mobiliário poderá ser grande ou pequeno demais", pondera.

O próximo passo do pesquisador será procurar ortopedistas e outros especialistas que estudam o aparelho locomotor para receber orientações sobre a postura correta a ser adotada pelas crianças na sala de aula. "Só vou partir para o desenho da carteira após ter todos os dados em mãos", afirma. O levantamento despertou o interesse do Instituto Nacional de Tecnologia (INT), órgão ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, que há mais de quinze anos desenvolve pesquisas antropométricas com adultos. "Esse trabalho é importante pelo ineditismo, pois não há no Brasil dados antropométricos confiáveis do público infantil", ressalta Domingos Manfredi Naveiro, chefe da unidade de Desenho Industrial do INT.

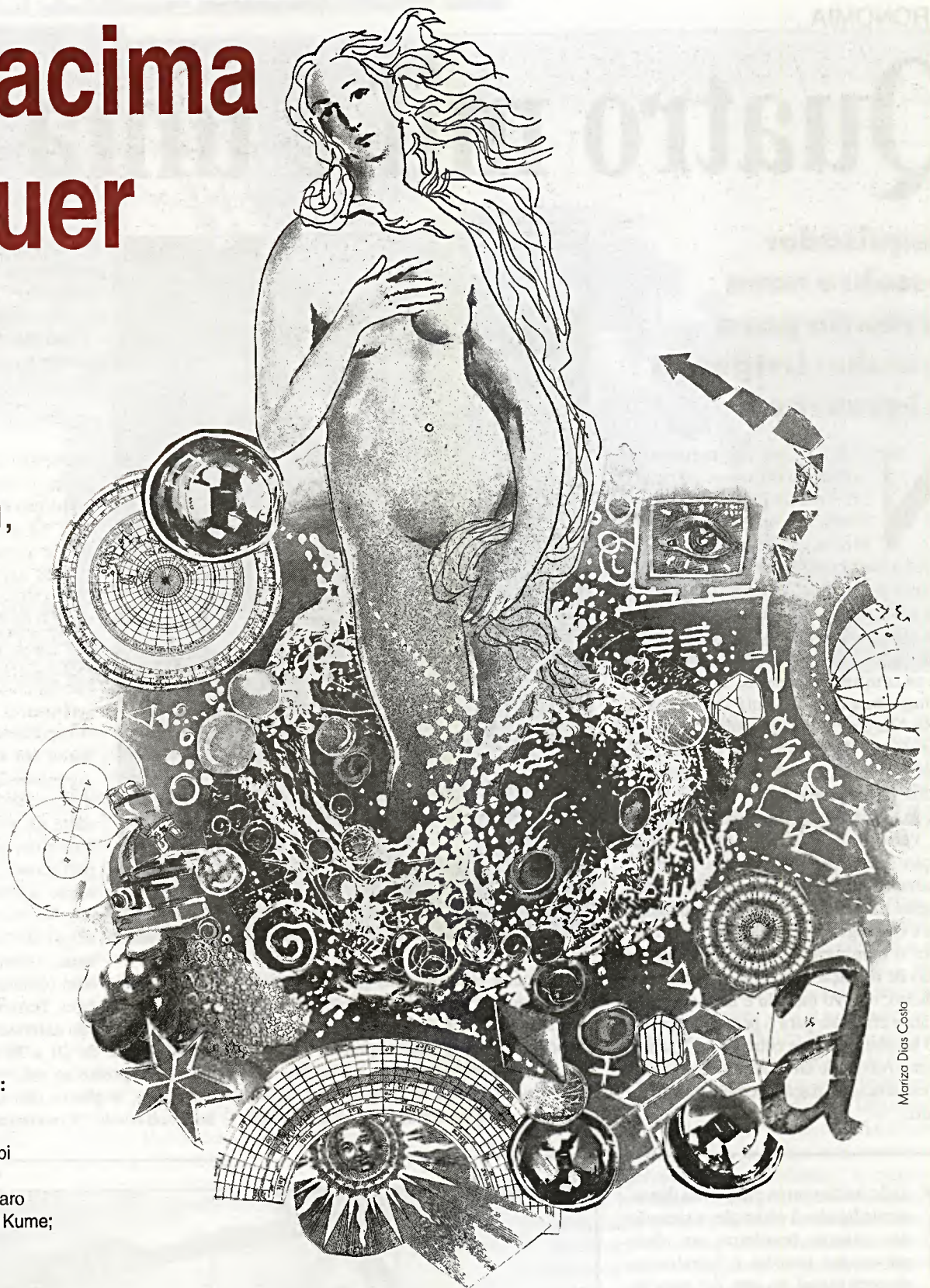
(T.B.)

Cidadãs acima de qualquer suspeita

Com base em texto pioneiro do século XVIII, coletânea de ensaios discute a questão da igualdade e da solidariedade entre os sexos



O Dilema da Cidadania: direitos e deveres das mulheres, de Gabriella Bonacchi e Angela Groppi (organizadoras). Editora UNESP; tradução de Álvaro Lorencini; capa de Lucio Kume; 312 páginas; R\$ 25,00.



Marzao Dias Costa

OSCAR D'AMBROSIO

A busca das mulheres por igualdade no âmbito social, político e econômico tem marcos que são pouco conhecidos no Brasil. Um deles é a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, da francesa Olympe de Gouges. Redigida em 1791, é uma crítica ao pretensão universalismo da célebre *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, proclamada em 26 de agosto de 1789. O documento é pioneiro em termos de reivindicações legais das mulheres. Argumenta que a diferença de sexo não pode justificar a exclusão delas do poder político e da cidadania social. O sentimento geral do texto é que o sujeito feminino, ao afirmar a sua especificidade, deseja juntar-se ao masculino, não vencê-lo.

O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres, organizado por Gabriella Bonacchi e Angela Groppi, pesquisadoras da Fondazione Lelio e Lisli Basso, de Roma, reúne uma coletânea de ensaios que, a partir do texto de Olympe de Gouges, discute a questão da solidariedade entre os sexos. Os artigos levam sempre em conta que homens e mulheres são complementares. No entanto, semelhanças e diferenças precisam ser bem caracterizadas para que não ocorra qualquer tipo de discriminação ou preconceito.

O texto mais interessante da coletânea é o de Chiara Saraceno, professora de Sociologia da Família na Universidade de Turim. Revela como o estatuto social de esposa tende a construir uma diferença feminina em termos de fraqueza e dependência. Argumenta com pesquisas efetuadas em vários países entre os anos 60 e 80 sobre o uso do tempo pelos dois sexos, concluindo que o trabalho remunerado continua a ocupar os homens por mais tempo que as mulheres. No entanto, estas têm um

compromisso total de trabalho mais elevado que os homens, pois ocupam-se com a limpeza da casa e a educação dos filhos.

Independentemente do fato de trabalharem ou não para o mercado remunerado, as mulheres, segundo a pesquisadora italiana, investem muito mais na família que os homens em termos de energia psíquica e atenção. Isso faz com que adotem duas posturas: ou se libertam da influência masculina, sendo consideradas heroínas, ou permanecem bloqueadas em seu desenvolvimento pessoal e profissional. Saraceno também alerta que falar de mulheres em sentido genérico é certamente impróprio devido às "diferenças e desigualdades de recursos e oportunidades entre mulheres situadas diversamente segundo a classe social, o país, a etnia, a fase da vida e assim por diante".

Olympe de Gouges era categórica em suas críticas: "Mulheres! Mulheres, quando deixareis de ser cegas? Quais vantagens advieram da revolução? Um desprezo mais marcado, uma indiferença mais evidente. Nos séculos de corrupção, vós reinastes exclusivamente sobre a fraqueza dos homens. Vosso império está destruído; que vos resta então?" Dessa maneira, o ciclo revolução-emancipação-universalidade do progresso, tão aclamado pelo liberalismo, é questionado. Na França pós-revolucionária, as mulheres eram definidas como cidadãs, mas a prática contestava esse conceito. Por isso, Gouges, ironicamente, escreve seu manifesto com 17 artigos, justamente o mesmo número da *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*.

Ao verificar como Gouges "contesta sistematicamente a restrição masculina do conceito de liberdade", Ute Gerhard, professora de Sociologia na Universidade de Frankfurt, admira a audácia da

autora da *Declaração* ao reivindicar relações amorosas livres para homens e mulheres, dissolubilidade do casamento a qualquer momento, manutenção do concubinato e defesa do direito dos filhos, não importando quem sejam seus pais.

As razões históricas da exclusão da mulher da esfera pública são abordadas por Anna Rossidoria, professora de História Contemporânea na Universidade da Calábria. Na sociedade ocidental, a opressão das mulheres teria sua origem no pensamento político grego e no Direito romano. Segundo este último, a mulher, embora livre e considerada apta a possuir bens e a mover ações judiciais de seu próprio interesse, não podia receber nem transmitir qualquer herança, nem mesmo aos próprios filhos.

Especificamente quanto à relação de homens e mulheres com a Igreja Católica, a intelectual e política italiana Paola Gaiotti de Biase analisa a carta *Mulieris dignitatem*, publicada por João Paulo II, em 1988. Conclui que os dois sexos são definidos como interdependentes "rumo à superação da solidão". No entanto, a "relevância da natureza masculina de Jesus" é apontada como um símbolo difícil de ser superado, impedindo até hoje a existência de sacerdotessas mulheres.

Cabe a Letizia Gianformaggio, professora de Filosofia do Direito da Universidade de Siena, cristalizar a proposta do livro ao mostrar que o universalismo, no passado, era a argumentação para tolerar diferenças. Hoje, no entanto, deveria ser o caminho para articular essas diferenças em busca de relações harmônicas, complementares e igualitárias entre sexos, etnias, raças e religiões.

Oscar D'Ambrosio é crítico literário e autor de *Mito e símbolos em Macunaíma* (Editora Selinunte).



ARARAQUARA

● 16/4. **Resinas Compostas.** Curso teórico, abordará as resinas restauradoras na atualidade, sistemas de polimerização, técnicas de restauração e discussão de casos clínicos. Das 19h às 22h. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações (016) 232-1233, na Fundação Araraquarense de Ensino e Pesquisa em Odontologia (Faepo).

● 16, 23 e 30/4. **Projeto Sênior** — Universidade da 3ª Idade. Dia 16, às 14h, sessão de abertura; das 15h15 às 17h, palestra "Cuidados para um envelhecimento saudável", por José Candido Monteiro da Silva Machado. Dia 23, das 14h às 17h, mesa-redonda "A nutrição e a saúde do idoso", por Maurício Zangrando Nogueira, Aurelucio Demonte e Maria Cristina Rolfsen Belda; dia 30, das 14h às 17h, conferência "Panorama da História de Araraquara", por Rodolpho Telarolli. No prédio central da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Informações (016) 232-0200.

● 18 a 20/4. **Barroco Memória Viva.** Curso de extensão universitária idealizado para divulgar o estudo do movimento barroco em suas diversas manifestações artísticas. Promovido pela Faculdade de Ciências e Letras (FCL), pelo Instituto de Artes (IA) do câmpus de São Paulo e pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (Proex). Das 8h às 22h, na FCL. O curso terá uma segunda fase, de 28 a 31 de maio, às 19h, no IA, sobre o tema Barroco Jesuítico, com posteriores viagens às cidades históricas de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Argentina. Informações (016) 232-0444 e (011) 274-4733, ramal 205.

● 23 a 26/4. **Seminário Literatura e História: Portugal em Foco.** No 22º aniversário da Revolução dos Cravos, historiadores e críticos literários renomados, como o escritor português Augusto Abelaira e pesquisadores da UNESP, USP, Unicamp e UFRJ, abordarão temas ligados à relação entre a literatura e a revolução, a nacionalidade e a colonização. Haverá mesas-redondas, espetáculo teatral, filme, leitura dramática e sessões de comunicações, além de exposições permanentes — "A História e a Literatura em selos" e "Unidade de produção agrícola Muralha de Aço, do Alentejo". Das 9h30 às 22h. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações (016) 32-0244.



ASSIS

● 16/4. **Delegacia da Mulher.** Conferência com a delegada Sueli Cardoso Borba, responsável pela delegacia da mulher da região de Assis. Às 20h. No salão de atos da Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações (0183) 22-2933.

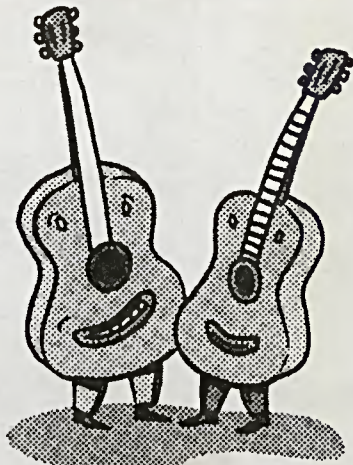
● 22/4. **Tóxicos.** Conferência do professor Igor Vassiliev (do Instituto de Biociências de Botucatu) sobre cigarro, álcool e outras drogas legais. Às 20h. No salão de atos da FCL. Informações (0183) 22-2933.

● 25/4. **Show Musical.** Espetáculo de MPB com André Melo, o grupo Revira e a dupla Rose e Bauer. Às 21h. No câmpus da FCL. Informações (0183) 22-2933.

● 26/4. **Corpo e Linguagem.** Espetáculo de dança coordenado pela dançarina Fernanda Araújo. Às 21h. No salão de atos da FCL. Informações (0183) 22-2933.

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES DURANTE O MÊS DE ABRIL



BAURU

● 19/4. Prazo final para confirmação da apresentação dos trabalhos para o 2º Encontro Interdisciplinar Sobre o **Estudo da Paisagem.** O evento acontecerá entre os dias 13 e 17/5 e mostrará um quadro da diversidade de abordagens e a multiplicidade de relações estabelecidas entre o homem e seu meio. Haverá conferências, mesas-redondas e sessões de apresentações de trabalho. Entre os convidados, Ana Maria Belluzo, Aziz Ab'Sáber, Hugo Segawa e Cleide Biancardi. Das 9h às 20h. Na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC). Informações (0142) 30-2111, ramal 147.

BOTUCATU

● 1/4. Início das inscrições para o XVIII Curso Nacional de **Dermatopatologia Tropical.** De 20 a 22/6, o curso enfocará as dermatoses infecto-parasitárias mais comuns no Brasil. Contrará com professores brasileiros e do Exterior. Das 8h às 20h. Na Faculdade de Medicina (FM). Informações (014) 822-4922 ou (014) 821-2121, ramal 2015.

● 10 a 13/4. **II Semana de Plasticultura.** O evento abordará temas ligados à

plasticultura em geral. Para estudantes, profissionais e produtores da área de Horticultura. Das 8h às 12h. Na Cafe-noel-Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de São Manoel. Promoção da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA). Informações (014) 821-3883.

● 15/4. Avaliação do Procedimento da Lavagem das Mãos no Plano Assistencial à Criança Portadora de **Diarréia Aguda Bacteriana.** Reunião científica do curso de Enfermagem, a cargo da professora Ione Corrêa. Às 14h. No salão nobre da FM. Informações (014) 821-2121, ramais 2258 e 2004.

ILHA SOLTEIRA

● 8 a 19/4. **Eletrônica Digital I.** Curso de extensão ministrado por Jozué Vieira Filho, Edvaldo Assunção e Suelly Cunha Amaro Mantovani, para estudantes e professores da área. De segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. No Departamento de Engenharia Elétrica da Faculdade de Engenharia (FE). Informações (018) 762-2125, ramal 22.

● 29/4 a 3/5. Período de inscrição para o curso **Mancais de Rolamentos, Buchas e Bronzinas.** Para técnicos e Engenheiros da CESP, docentes e funcionários da FE. No Departamento de Mecânica. Acontecerá entre 6 e 10/5, das 8 às 12h. Informações (018) 762-3113, ramal 138.

● 29/4 a 3/5. Período de inscrição para o curso **Técnicas de Refrigeração e Ar-Condicionado.** Para técnicos e engenheiros da CESP, docentes e funcionários da FE. Acontecerá entre 6 e 10/5, das 8 às 12h. No Departamento de Mecânica da FE. Informações (018) 762-3113, ramal 138.

JABOTICABAL

● 18/4. Calagem e Adubação para a **Cultura da Goiabeira.** Dirigido a professores, estudantes e comunidade em geral, abordará aspectos atuais e perspectivas para o plantio da goiabeira,

incluindo a utilização de software para calagem e adubação. Das 8h às 18h. Na sala 31 da Central de Aulas da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações (016) 322-2978, na Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep).

● 22 a 24/4. Criação de **Camarões de Água Doce.** Curso prático e teórico dirigido a profissionais e estudantes, abordará conhecimentos básicos e técnicas necessárias para o cultivo de camarões de água doce. Das 8h às 18h. Na sala 31 da Central de Aulas e no Centro de Aqüicultura da FCAV. Informações (016) 322-2978, na Funep.

● 24/4. **Planejamento de uma Propriedade Agrícola.** Dirigido a professores, estudantes e comunidade em geral, tratará do preparo e planejamento de uma propriedade agrícola, possibilitando uma produção econômica satisfatória a partir de recursos já existentes. Das 8h às 18h. Na sala 31 da Central de Aulas da FCAV. Informações (016) 322-2978, na Funep.



ZILBERMAN

MARÍLIA

● 10 e 11/4. **Oficina da Palavra.** Primeira palestra do mês de abril do projeto Universidade Aberta à 3ª Idade, será

apresentada pelo poeta, declamador e ator Moacyr José Sacramento. O evento terá, até o final do ano, conferências sobre assuntos da atualidade, ministradas por docentes da UNESP e convidados da comunidade. Também serão oferecidos cursos, oficinas e a participação no coral da Universidade. Em abril, haverá ainda as palestras "O processo evolutivo do corpo humano: aspectos funcionais", por Viviane Galvão Villani, no dia 17, e "Sexualidade na 3ª idade", por Kátia Burle Guimarães, no dia 24. Às 14h30. No anfiteatro da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Informações (0144) 33-1844.



P. PRUDENTE

● 15 a 24/4. **A Trajetória do Índio:** da Vida em Comunidade ao Capitalismo. Exposição de material de acervo dos Laboratórios de Etnologia, Antropologia e Arqueologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), em homenagem à Semana do Índio. O objetivo é divulgar a trajetória do índio no Brasil, desde sua origem à situação de contato com a sociedade. Das 10h às 22h. No Prudenshopping. Informações (0182) 21-5388.

RIO CLARO

● 9, 16, 23 e 30/4. **Seminários de Matemática e Educação Matemática.** Dia 9, conferência "Astronomia e História da Ciência", por Walmir Thamozi Cardoso, da Sociedade Brasileira para o Ensino da Astronomia e do programa *Olhando para o Céu*, da TV Cultura. Dia 16, "O lúdico e a corporiedade", por Luiz Alberto Lorenzetto. Dia 23, "A Sociedade Brasileira de Educação Matemática: problemas e perspectivas", por Romulo Campos Lins. Dia 30, "Algumas considerações sobre avaliação em Matemática", por Regina Luzia de Buriasco. Às 14h. No Departamento de Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). Informações (0195) 34-0123



S. J. RIO PRETO

● 8/4 a 2/12. **Cursos de Difusão Cultural de Língua Francesa** — Níveis I e II. Dirigidos a alunos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), professores de diploma universitário e outros interessados. Nível I, às segundas-feiras, das 19h20 às 21h, e às quartas-feiras, das 19h20 às 20h10; nível II, às segundas-feiras, das 21h10 às 22h30 e, às quartas-feiras, das 20h20 às 22h30. No Ibilce. Informações (0172) 24-4966.

Concertos eletrizantes

Música eletroacústica, em bienal internacional

Sentar-se na poltrona de um teatro, fechar os olhos e apreciar o melhor da música produzida em estúdio. Esta é a proposta da 1ª Bienal Internacional de Música Eletroacústica de São Paulo, organizada pelo Studio PANaroma. O evento acontece de 22 a 27 de abril, no Teatro Laura Abrahão (Rua Dr. Emílio Ribas, 89, São Paulo), e será constituído de 45 obras de 35 compositores brasileiros e internacionais. As apresentações estão divididas em cinco concertos-painel: dia 22, às 20h, Painel Histórico; dia 23, às 20h, da Modernidade; dia 24, às 20h, da Personagem; dia 25, às 20h, da Modernidade II; dia 26, às 19h, da Modernidade III, e, às 21h, Histórico II; dia 27, às 16h, das Estréias e, às 20h, da Intera-



BIENAL

Menezes: divulgação da música eletroacústica

ção. "Vamos divulgar a música eletroacústica desde suas origens", adianta Flo Menezes, professor do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA) do câmpus de São Paulo e diretor artístico do Studio. "Este é um tipo de acontecimento comum na Europa e nos Estados Unidos e que merece maior espaço também no Brasil, embora o gênero já exista aqui há quase 40 anos", acrescenta Menezes.

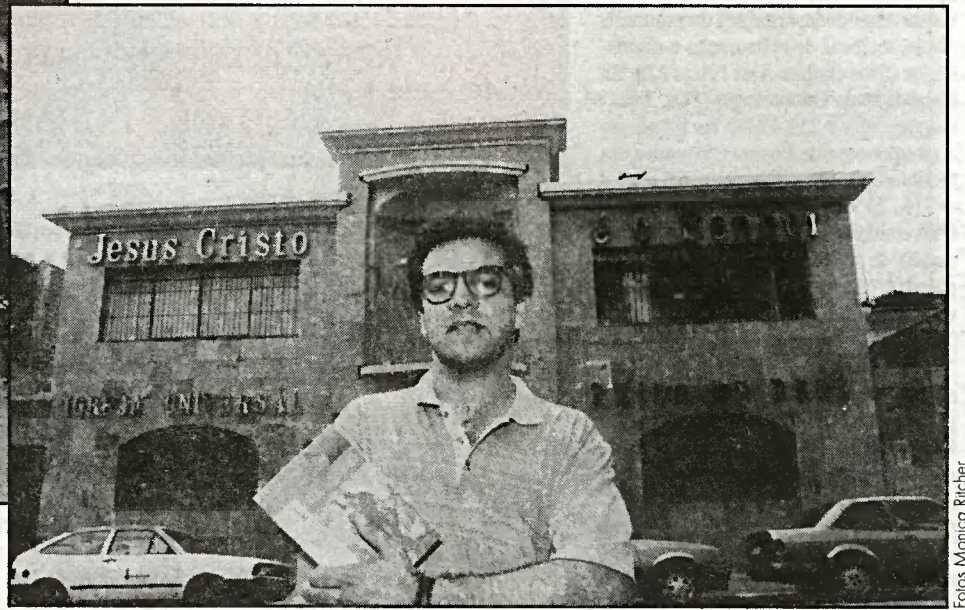
Música Maximalista — *Maximal Music*: o nº 1 traz obras compostas por Menezes entre 1986 e 1995, e o nº 2, trabalhos vencedores do 1º Concurso Internacional de Música Eletroacústica de São Paulo, realizado em 1995 pelo Studio. Deste último participam os compositores Paul Koonce e Hans Tutschku, entre outros. Outras informações sobre a bienal, pelo telefone (011) 826-9718. A entrada é franca.

Monica Richter





ÓPIO DO POVO
Pregador, na Praça da Sé, em São Paulo: de olho na população marginalizada



Fotos: Mônica Richter

ENGODO
Campos Júnior: a religião fingindo cumprir uma função que é do Estado

Em nome de Deus

Livro investiga guerra santa do pentecostalismo

Aleluia, irmão! Jesus te salvará! Louvemos ao Senhor! Expressões como essas, ditas em tom exaltado por pastores evangélicos, tornaram-se familiares aos telespectadores de todo o País que sintonizam a TV Record. De segunda a sexta-feira, pontualmente às 18 horas, a programação normal da emissora cede lugar à "Oração das Seis". A Record, de propriedade do bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, é apenas um dos meios de comunicação que têm servido para anunciar a mensagem pentecostal, fundamentada na bíblia e na prática de carismas ou "dons". Tornou-se corriqueiro outras emissoras de rádio e TV colocarem no ar programas semelhantes, que se alternam com noticiários, filmes e musicais. Os números mostram que a estratégia dá certo. Uma recente pesquisa nacional do Datafolha sobre a distribuição das religiões entre a população brasileira constatou que os pentecostais saltaram de 3%, em 1989, para 8% da população, em 1995. O crescimento foi de nada menos que 260% em sete anos. Hoje, os pentecostais formam o segundo maior grupo religioso do País, logo atrás dos católicos, que, no mesmo período, sofreram drástica redução no número de fiéis (veja gráfico).

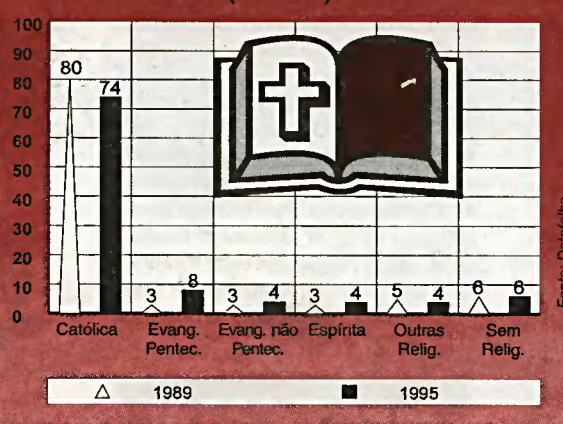
Surgida em 1977, a Igreja Universal é a que mais tem crescido no País. Representante de uma linha mais agressiva e polêmica, batizada de neo-pentecostal, a seita detém um império formado por um banco, dois jornais, uma revista, uma rede de TV, 30 emissoras de rádio (cinco delas no Exterior) e 221 templos em 45 países. Com seis milhões de fiéis espalhados pelo Brasil, a Universal combate os rituais de origem africana e a veneração aos santos. No ano passado, a seita bateu de frente com a comunidade católica. Em 12 de outubro, feriado nacional em que se comemora o dia de Nossa Senhora Aparecida, o bispo Sérgio Von Helder, da Igreja Universal do Reino de Deus, chutou a imagem da santa durante os programas "Despertar da Fé" e "Palavra da Vida", transmitidos pela TV Record. Na ocasião, o arcebispo de Aparecida, dom Aloisio Lorschei-

der, convocou os fiéis a "defenderem a fé católica". Protestos, alguns violentos, pipocaram em várias partes do País. "Essa é uma briga entre dois gigantes", analisa o teólogo Luís de Castro Campos Júnior, aluno de doutorado em História da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis, que recentemente publicou o livro *Pentecostalismo* (Editora Ática; 162 páginas; R\$ 12,50).

ABORDAGEM HISTÓRICA

Lançado em maio passado, o livro integra a coleção *As Religiões na História*, da Ática. "É uma obra didática, de linguagem acessível, e vai preencher uma lacuna do mercado", avalia Nelson dos Reis, editor de livros de não-ficção da editora. Protestante metodista, Campos Júnior passou os últimos dois anos frequentando cultos e pesquisando o assunto. "Quería entender essa religião e as causas

Evolução da distribuição de religiões na população brasileira (em %)



desse crescimento tão rápido", diz. O objetivo do trabalho, segundo o teólogo, foi fazer uma abordagem histórica dessa seita nascida nos Estados Unidos no século XIX e introduzida no Brasil no início do século XX. "Fala-se muito em Igreja Universal, mas falta à opinião pública um embasamento histórico para entender esse movimento, que é bastante complexo", justifica. De acordo com a Associação Evangélica Brasileira, existem atualmente no País cerca de 400 instituições evangélicas (veja quadro abaixo). Como explica o pesquisador, a idéia dos pentecostais é repetir os fenômenos ocorridos há dois mil anos, durante a festa de Pentecostes, realizada 50 dias após a morte de Jesus Cristo. "Nessa ocasião, os apóstolos passaram a ter visões e a falar em línguas diferentes das da época."

Na opinião de Campos Júnior, a valorização dos fiéis que tiveram acesso a dons caris-

máticos provoca dissidências no meio pentecostal. "Ao 'receber' os carismas e se submeter a uma vida julgada coerente pela igreja, o adepto passa a exercer poder sobre aqueles que não passaram pela experiência." Dessa forma, segundo ele, a "autoridade espiritual" é exercida por outros membros da igreja, além do pastor. "As rupturas são inevitáveis, e é quase diário o surgimento de novos grupos", diz. O teólogo explica que esse é o principal desafio dos pesquisadores. "É incontável o número de pastores pentecostais que aparecem nas esquinas, praças e pequenos templos, segurando numa das mãos a bíblia e na outra, o microfone". É o que o escritor chama de pentecostalismo marginal. "São pessoas despreparadas, e o que conta é o seu carisma e experiência pessoal", afirma.

Tendo como "clientes" preferenciais a população marginalizada, o pesquisador afirma que a religião pentecostal tem crescido muito em virtude da linguagem popular dos pastores e pela promessa de lenitivos imediatos aos sofrimentos terrenos. "Com a ineficiência do Estado, o pentecostalismo surge como uma nova 'proposta de vida' para o fiel." O neopentecostalismo destaca-se das demais religiões, segundo Campos Júnior, pelo fato de pregar uma doutrina baseada na prosperidade. "Nos cultos, os pastores sustentam que o mundo não é tão mau assim e o fiel pode obter a felicidade aqui mesmo, na Terra", diz. São incentivados a melhorar de vida e, claro, a fazer contribuições à Igreja. Além da arrecadação do dízimo, que corresponde a 10% do que o seguidor ganha mensalmente, ocorre nos cultos o momento da oferta, no qual, dentro de um envelope, o fiel escreve o seu pedido e coloca uma quantia em dinheiro para obter a graça desejada. "Somos contrários a essa postura de que Deus apóia a riqueza", adverte o pastor Ariovaldo Ramos, da AEB. Para Campos Júnior, os pastores neopentecostais pregam a melhoria de vida sem a necessidade de o fiel assumir uma posição contrária ao regime vigente. "Para o sistema capitalista, é interessante um operário que não participe de greves, que não tome bebidas alcoólicas e que seja eficiente", conclui.

Tânia Belickas

Milagreiros políglotas

No Brasil, o pentecostalismo surgiu em 1910, em Belém do Pará. Seus adeptos crêem que cada indivíduo pode receber o batismo do Espírito Santo e os dons de falar várias línguas e de realizar curas milagrosas. Rejeitam ainda a organização eclesial e litúrgica rígidas e praticam a evangelização em massa, conseguindo cada vez mais seguidores com reuniões em praças públicas e o uso intensivo do rádio e da televisão. Preocupada exatamente com a perda do número de fiéis para as igrejas pentecostais e neopentecostais, a Igreja Católica publicou, no ano passado, um documento intitulado "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 1995—1998". Editado pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o texto analisa as causas da diminuição do número de católicos no País, principalmente nas capitais e grandes metrópoles, e propõe novas estratégias. A partir de dados de uma pesquisa por amostragem encomendada ao Datafolha, em 1994, com 21.000 eleitores, a Igreja descobriu que 74,9% dos entrevistados eram católicos. Só que, entre eles, 2/3 disseram ter uma prática religiosa

rara ou nula. "O desafio da ação evangelizadora é atingir os católicos afastados e os não praticantes", reconhece o padre Antônio Carlos Frizzo, secretário regional da CNBB, em São Paulo.

Diante do crescimento das seitas pentecostais, Frizzo admite que a Igreja Católica precisa reformular seu discurso. Ele afirma que já há uma orientação para que os padres falem uma linguagem mais popular durante as liturgias. "A idéia é que eles façam celebrações menos rígidas às regras sacramentais e participem dos problemas sociais da sua comunidade", explica. O pastor Ariovaldo Ramos, diretor executivo da Associação Evangélica Brasileira, garante que os evangélicos têm crescido 14% ao ano. Entre as causas, enumera o relacionamento afetivo estimulado dentro das igrejas e a mensagem de esperança, vitória e conquista transmitida aos fiéis. "Existem muitos ex-católicos nas fileiras pentecostais", diz. "Na verdade, eles eram adeptos no papel e, durante os cultos, admitem que encontraram a fé cristã nas seitas evangélicas."

(T.B.)